



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

PÂMELA RENATA DA SILVA

**REPRESENTAÇÕES DE LEITURA NA OBRA *HARRY POTTER E A PEDRA
FILOSOFAL*: A HERMIONE LEITORA**

**MONTEIRO
2025**

PÂMELA RENATA DA SILVA

REPRESENTAÇÕES DE LEITURA NA OBRA *HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL*: A HERMIONE LEITORA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Danielly Vieira Inô

**MONTEIRO
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586r Silva, Pâmela Renata da.
Representações de leitura na obra Harry Potter e a Pedra Filosofal [manuscrito] : a Hermione leitora / Pâmela Renata da Silva. - 2025.
44 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2025.

"Orientação : Prof. Dra. Danielly Vieira Inô Espindula, Coordenação do Curso de Letras Português - FALLA".

1. Leitura. 2. Leitores. 3. Práticas de leitura. 4. Hermione Granger. 5. Harry Potter e a Pedra Filosofal. I. Título

21. ed. CDD 801.95

PAMELA RENATA DA SILVA

REPRESENTAÇÕES DE LEITURA NA OBRA HARRY POTTER E A PEDRA
FILOSOFAL: A HERMIONE LEITORA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso
de Letras Português da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de
Licenciada em Letras

Aprovada em: 23/05/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Danielly Vieira Inô Espindula** (***.581.554-**), em **04/06/2025 09:03:10** com chave **e2507232413b11f0a2d42618257239a1**.
- **Marcelo Medeiros da Silva** (***.457.254-**), em **04/06/2025 10:46:12** com chave **46f59c22414a11f08bb72618257239a1**.
- **Hélio Santiago Rodrigues Abdala** (***.020.414-**), em **06/06/2025 13:41:23** com chave **153ce86e42f511f0b2021a7cc27eb1f9**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 06/06/2025

Código de Autenticação: ce6bf1



AGRADECIMENTOS

A Deus. Pelas orações, pedidos por discernimento, paciência, conhecimento, saúde e coragem atendidos para que a escrita e entrega desse trabalho fosse possível. Sem Sua Santa Graça, eu não teria e não seria nada e nem ninguém.

Aos meus pais, Paulo e Moça. Por terem cuidado de mim e me ajudado sempre que precisei e, no meu pior momento, mais ainda. Obrigada pelo privilégio de ser sua filha. Serei grata por isso mesmo nos momentos em que tal gratidão não seja perceptível ou quando eu não souber expressá-la.

Aos meus irmãos, em especial, ao meu irmão José Henrique. Agradeço por me entender, pelas risadas, por me buscar sempre que pedi, por não me julgar quando precisei de compreensão, por sempre estar comigo e ser meu melhor amigo, além, é claro, pelos jogos emocionantes de futebol, que só são emocionantes porque assistimos juntos. Mesmo quando ninguém mais estava comigo, quando precisei de ajuda, você estava lá, por mim e para mim. Você sempre deu tudo de si para estar.

Aos meus amigos, aos verdadeiros amigos. Obrigada por absolutamente todos os momentos fantásticos já vividos, por toda a diversão e conversas sinceras. Sou grata porque, todos os fardos que carreguei e carrego, só se tornaram suportáveis graças a vocês. Os levarei no meu coração enquanto viver.

À minha maravilhosa orientadora, Dani Inô. Obrigada pela paciência e por me guiar nesse processo. Agradeço por ter tido a oportunidade de ser sua aluna em várias disciplinas e por todo o conhecimento que me transmitiu que fez com que eu me apaixonasse por Linguística. A senhora é uma mulher e profissional esplêndida e tem minha mais profunda admiração.

À minha psicóloga, Jennifer Linny. Sou grata por todas as sessões de conversas, por me ajudar a ver que esse trabalho não era o monstro que eu cheguei a pensar que fosse, por me ajudar a limpar a minha mente e me guiar na cura contra a ansiedade. Sem dúvidas, você foi uma das pessoas mais importantes dessa jornada. Tudo é possível quando percebemos que não podemos suportar sozinhos o peso do mundo nas nossas costas.

À banca examinadora, composta pelos professores Marcelo Medeiros e Hélio Santiago. Além de serem professores excepcionais com os quais tive o privilégio de estudar durante o curso, contribuíram significativamente com o meu trabalho, nessa reta final, com suas sugestões certeiras. Os escolhi justamente porque sabia que enriqueceriam esta pesquisa. Obrigada!

“Três homens encontram-se no meio dos destroços: um, como se hesitasse sobre qual livro escolher, está aparentemente lendo títulos nas lombadas; outro, de óculos, está pegando um volume; o terceiro está lendo, segurando um livro aberto nas mãos. Eles não estão dando as costas para a guerra, nem ignorando a destruição. Não estão escolhendo os livros em vez da vida lá fora. Estão tentando persistir contra as adversidades óbvias. Estão afirmando um direito comum de perguntar; estão tentando encontrar uma vez mais – entre as ruínas, no reconhecimento surpreendente que a leitura às vezes concede – uma compreensão”.

(Alberto Manguel)

RESUMO

O presente trabalho aborda as representações de leitura construídas a partir da personagem Hermione Granger, em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. A pesquisa tem como objetivos: identificar a representação de leitura e de leitores na primeira obra da saga *Harry Potter - Harry Potter e a Pedra Filosofal* – através das práticas e cenas de leitura da personagem Hermione Granger; descrever as práticas de leitura identificadas ao longo da obra, atribuídas à personagem Hermione; refletir sobre a relação que essas práticas apresentadas na obra têm com as representações que foram historicamente construídas a respeito da leitura e dos leitores, em diferentes momentos. Para isso, utilizamos, principalmente, os pressupostos teóricos de Chartier (1998, 2011), Darnton (2011) e Manguel (2017), que abordam as perspectivas da história das práticas e representações de leitura e leitores ao longo do tempo e tipos de leitor. O método de coleta de dados se deu a partir da releitura da obra após a percepção de que é possível associá-la com a história da leitura, e, para isso, foram coletados trechos em que a personagem Hermione aparece em contato com a leitura, seguindo a linha de Gil (2017) associada à natureza da pesquisa bibliográfica. A análise consistiu na organização dos trechos em quatro categorias: objetivos de leitura, tipo de obra lida, formas de ler e locais de leitura. Constatou-se que Hermione atribui finalidades às suas leituras que não se limitam somente à vida escolar, mas também à trama, utilizando de variados tipos de obra que atendem a essas finalidades. As formas como a personagem lê se relacionam a fatores históricos e sociais das práticas de leitura e os locais em que ela lê figuram uma representação social dos leitores que usam esses espaços de forma a melhor facilitar suas práticas. Além disso, as práticas da personagem retomam a metáfora do leitor como *traça consumidora de livros* (Manguel, 2017), que nos permitiu compreender sua relação voraz e simbólica com os livros e a leitura.

Palavras-chave: Leitura. Leitores. Práticas de leitura. Hermione Granger. Harry Potter e a Pedra Filosofal.

ABSTRACT

The present work addresses the representations of reading constructed from the character Hermione Granger, in *Harry Potter and the Philosopher's Stone*. The research aims to: identify the representation of reading and readers in the first work of the *Harry Potter saga* - *Harry Potter and the Philosopher's Stone* - through the reading practices and scenes of the character Hermione Granger; describe the reading practices identified throughout the work, attributed to the character Hermione; reflect on the relationship that these practices presented in the work have with the representations that were historically constructed at the respect for reading and readers, at different times. For this, we mainly use the theoretical assumptions of Chartier (1998, 2011), Darnton (2011) and Manguel (2017), which address the perspectives of the history of reading practices and representations and readers over time and types of reader. The method of data collection was based on the rereading of the work after the perception that it is possible to associate it with the history of reading, and, for this, excerpts were collected in which the character Hermione appears in contact with reading, following the line of Gil (2017) associated with the nature of bibliographic research. The analysis consisted of organizing the excerpts into four categories: reading objectives, type of work read, ways of reading and places of reading. It was found that Hermione attributes purposes to her readings that are not limited only to school life, but also to the plot, using various types of work that meet these purposes. The ways in which the character reads are related to historical and social factors of reading practices and the places in which she reads are a social representation of the readers who use these spaces in order to better facilitate their practices. In addition, the character's practices resume the metaphor of the reader as *a book-consuming moth* (Manguel, 2017), which allowed us to understand his voracious and symbolic relationship with books and reading.

Keywords: Reading. Readership. Reading practices. Hermione Granger. Harry Potter and the Philosopher's Stone.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1 As práticas de leitura ao longo do tempo	15
2.2 O que é um leitor?	19
3. UMA HERMIONE LEITORA: RELAÇÕES SIMBÓLICAS CONSTRUÍDAS COM OS LIVROS E A LEITURA	23
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

1. INTRODUÇÃO

As práticas de leitura se modificaram constantemente ao longo do tempo, e essas modificações foram provocadas por diversos fatores, tais como o acesso desigual à leitura pelas diferentes classes e/ou grupos sociais; as distintas formas de integração entre leitura e demais práticas cotidianas em cada momento e lugar (a exemplo da escola, do trabalho e das religiões); as mudanças no suporte da leitura e a conseqüente produção e circulação de materiais para ler, entre outros. Os contextos históricos e sociais pelos quais a leitura perpassou nos possibilitam entender a forma como as sociedades a enxergavam, bem como as maneiras como a colocavam em prática.

A fim de fazer uma relação entre leitura, sociedade e práticas, temos o conceito de prática de leitura, que, segundo Barbosa (2014), é uma expressão que visa designar a leitura enquanto uma prática histórica, diversa e suscetível à mudança, e se propõe a entender, levando em conta um período de tempo e grupos sociais determinados, o que as pessoas leem, quando, onde, com que objetivos e o grau de intensidade dessas leituras. Tendo em vista esses fatores, as práticas de leitura possibilitam a compreensão de como a leitura e os leitores se constituíram histórica e socialmente.

Ao observarmos as práticas de leitura de um dado contexto histórico e de uma determinada sociedade, podemos constatar quais representações sociais da leitura são reveladas por meio de tais práticas. A noção de representação, para Moscovici (1968, p. 26 *apud* Veloso e Paiva, 2020), “constitui-se como via de apreensão do mundo concreto, construído individualmente pelos sujeitos em sua relação com o mundo social. É, portanto, uma forma de conhecimento individual, composta de figuras e expressões socializadas acerca de um fenômeno socialmente valorizado”. Dessa forma, as representações são construídas socialmente, e os sujeitos, inseridos nessas sociedades, vivenciam e realizam práticas que podem estar associadas a determinadas formas de ver a leitura ao longo do tempo.

As representações de leitura não foram construídas repentinamente. Elas foram fruto, de certa forma, de uma espécie de contrato social que delimitou formas de se enxergar a leitura a cada momento da história. As formas de ler (o quê, como, onde, quem lê etc.) se alteram, de acordo com fatores diversos que têm relação sobre como a leitura se encaixa na vida das populações de cada lugar e tempo. A partir dessas mudanças, mudaram as técnicas de produção e circulação dos escritos e isso, com o tempo, fez com que se construíssem práticas de leitura distintas e também representações sobre o que é a leitura e como ela deve/pode ser realizada.

A diversidade de práticas de leitura e as diferentes formas de representação social da leitura e dos leitores ultrapassam lugares e épocas, sendo percebidas tanto em gestos de leituras em momentos e lugares distintos e recuperadas em manifestações artísticas e literárias. Nas artes, as práticas de leitura podem ser percebidas, por exemplo, em pinturas, nas quais se busca representar como o leitor se porta diante do livro, suas expressões, sua forma de realizar essa leitura, o lugar, etc., revelando, inclusive, por meio dessas manifestações, a época e o contexto social e histórico onde esse leitor está inserido. Já na literatura, isso ocorre, também, na construção literária de personagens leitoras, representadas nas obras de ficção, como é o caso, a saber, de Hermione Granger, da série de livros *Harry Potter*, escrita pela autora britânica J. K. Rowling¹.

Em todas as 7 obras da saga, a personagem, a todo momento, baseia-se nos livros como principal fonte de pesquisa e informação para quaisquer temas que lhe despertem o interesse. As cenas em que a personagem aparece lendo, mencionando trechos, obras, falando que precisa utilizar a biblioteca da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, onde grande parte da história se passa, ou influenciando os colegas a acompanhá-la nesse processo para pesquisas e estudos, demonstram a forma como Hermione é caracterizada dentro da série. Além disso, podem revelar *se e como* essas práticas retomam representações sociais sobre a leitura, construídas ao longo do tempo.

Diante desse cenário, a pergunta norteadora desta pesquisa é: como a leitura e os leitores são representados através das práticas atribuídas à personagem Hermione Granger na primeira obra da saga *Harry Potter, Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2021)? A partir dela, surgem outros questionamentos, como: a) nas obras analisadas, quais as práticas de leitura da personagem Hermione – isto é, o que lê, quando, onde, com que finalidade, de que forma – e como essas leituras da personagem se articulam com os fatos vividos na trama? E b) de que maneira as práticas de leitura atribuídas à personagem Hermione se relacionam com discursos e representações sociais da leitura já construídos ao longo do tempo?

Partindo desses questionamentos, o objetivo geral dessa pesquisa é: identificar a representação de leitura e de leitores na primeira obra da saga *Harry Potter – Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2021) –, através das práticas e cenas de leitura da personagem Hermione

¹Há um fato interessante a ser destacado acerca da autora: seu nome, Joanne, precisou ser abreviado porque, segundo um funcionário da editora britânica, “os homens não liam ficções escritas por mulheres”, e isso gerou preocupações para a editora. O “K” se refere à primeira letra do nome de sua avó, Kathleen, já que ela não tinha um nome do meio. A autora, posteriormente, também escreveu narrativas adultas sob o pseudônimo masculino de Robert Galbraith. Informações disponíveis em: https://pt.wikipedia.org/wiki/J._K._Rowling

Granger. E os objetivos específicos são: a) descrever as práticas de leitura identificadas ao longo da obra, atribuídas à personagem Hermione; b) refletir sobre a relação que essas práticas apresentadas na obra têm com as representações que foram historicamente construídas a respeito da leitura e dos leitores, em diferentes momentos.

Por demonstrar como as práticas e representações de leitura e de leitores são apresentadas por uma personagem leitora em uma obra literária de tamanho impacto como *Harry Potter*, esses elementos, analisados a partir das cenas de leitura de Hermione Granger no primeiro livro, são algo que merece destaque e análise. Além disso, por envolver o trabalho com a obra e o tema das práticas de leitura, a realização dessa pesquisa possui razões pessoais e acadêmicas. Pessoais porque toda a saga, em seus vieses literário e cinematográfico, significam uma expansão do nosso contato com obras do gênero fantasia², com o qual temos uma afinidade considerável. Acadêmicas porque essa pesquisa pode contribuir para o entendimento de como a leitura e os discursos que a cercam se perpetuam através de representações em esferas como a própria literatura, obras de arte, fotografia, cinema etc., espelhando formas de como a sociedade enxerga essa prática.

Os trabalhos até então encontrados sobre as práticas e representações de leitura e leitores se debruçam na análise de variados elementos. Como exemplo, podemos citar Gomes (2019), que analisa a representação do livro em pinturas, ou seja, os leitores de algum modo em contato com um livro; Saturnino (2011), também analisando pinturas, mas, nesse caso, as do contexto brasileiro do século XIX e XX em que são representados os leitores, e Tragino (2013), que analisa “o leitor, a leitura, o livro e a literatura na estética da recepção e história cultural”³, o que o faz se aproximar da presente pesquisa quando coloca em foco a história da leitura.

Além disso, a inexistência de trabalhos que analisem as representações do leitor em obras literárias e, principalmente, na série *Harry Potter*, indica a relevância dessa análise. Levando em conta o impacto que a publicação da saga completa, composta por sete livros, alcançou mundialmente, a temática da leitura apresentada dentro dessas obras acabou influenciando uma geração de leitores, visto que muitos deles eram crianças quando o primeiro livro, *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, foi publicado, originalmente, no ano de 1997, no Reino Unido. Com isso, grande parte desses leitores que tiveram contato com o livro nessa época, hoje em dia já chegam ou passam dos 30 anos de idade, uma vez que a publicação dessa edição

² Para nós, o gênero fantasia se refere a todo aquele texto que traz elementos que fogem do imaginário social, abordando mundos fictícios e acontecimentos improváveis de serem observados na vida real. Assim, esse gênero apresenta fatores que exploram a imaginação do leitor e as relações com o sobrenatural, algo que a saga Harry Potter e outras dessa categoria provocam em abundância.

³ Título do artigo escrito por Tragino em 2013.

data 27 anos, indicando que esses leitores e suas formas de realizar a leitura da obra ao longo de todo esse tempo, também podem ter sofrido modificações.⁴

Por uma questão delimitativa, usaremos apenas o primeiro livro pelo fato de fornecer uma quantidade suficiente de dados para análise. Apresentando a história do menino Harry Potter, protagonista da saga, e dos seus amigos mais próximos, Rony Weasley e Hermione Granger, que, de certa forma, também detém o protagonismo, ainda que sejam classificados como secundários por não terem tantas aparições como o primeiro e não serem o foco da trama, o livro aborda diversas temáticas que podem ser trabalhadas nas mais variadas pesquisas.

Assim, para a composição do *corpus* desta pesquisa, coletamos trechos, a partir da primeira aparição de Hermione na trama, isto é, do capítulo seis em diante, em que, já neste capítulo, a personagem se mostra em contato com a leitura. Já na primeira leitura do livro, voltada para um gosto pessoal, foi possível perceber o interesse da personagem por livros e leitura, e, após a descoberta de que há estudos sobre práticas e representações de leitura ao longo do tempo, tornou-se possível estabelecermos a relação entre a personagem e tais estudos. Com isso, realizamos uma nova releitura da obra, dessa vez com a finalidade de coletarmos as cenas de leitura de Hermione.

Com a releitura e coleta de dados, elegemos, então, quatro aspectos como categorias de análise, sendo eles: objetivos de leitura, tipos de obras lidas, formas de ler e locais de leitura. Procuramos organizar os trechos em quatro quadros, cada um correspondente à sua categoria. Pelo fato de o *corpus* ter sido retirado de uma obra literária, nossa pesquisa se detém a um viés bibliográfico. Segundo Gil (2017, p. 33) “a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos”. A caracterização da pesquisa ocorre, então, quando consideramos que o material de coleta de dados se trata do livro físico, mas o autor não descarta a disseminação de novos meios de informação, como os CD’s e materiais facilmente encontrados na *Internet*.

A pesquisa se organiza em cinco partes, sendo: introdução, fundamentação teórica, análise dos dados e considerações finais, além das referências bibliográficas utilizadas no decorrer do texto. O capítulo referente à fundamentação teórica está organizado em duas partes. Na primeira, discorreremos acerca da história da leitura e como ela se deu em diferentes momentos e lugares. Além disso, discutimos sobre alguns aspectos provenientes desse percurso,

⁴ Embora esse não seja o foco deste trabalho, pode render um tema interessante para análise em trabalhos posteriores: observar as formas de ler as obras da saga, ou seja, as finalidades para as quais o leitor consulta os livros.

como a dificuldade de acesso à leitura, por fatores como falta de domínio da alfabetização, restrições da produção e circulação dos escritos em determinados momentos e sobre as alterações nos suportes. Continuamos com a discussão abordando o acesso a espaços de leitura e sua evolução, bem como, das formas de ler. Na segunda, refletimos sobre o conceito de leitor, ou seja, as características, comportamentos e práticas de leitura que o definem como tal, a partir de diferentes posicionamentos ao longo do tempo, mas, especialmente, sob a ótica dos teóricos da história da leitura e história cultural com os quais decidimos dialogar (Robert Darnton, Alberto Manguel, Roger Chartier, entre outros).

No capítulo de análise dos dados, temos os quadros com seus respectivos trechos e os comentários sobre o perfil da Hermione leitora, como também sobre a relação entre suas práticas e as representações de leitores/leitura construídos socialmente. Além disso, explanamos como a personagem se caracteriza dentro da obra e sua relação com os demais personagens (Harry e Rony). Já nas considerações finais, trazemos as representações percebidas ao longo da trama atribuídas à personagem percebidas por meio da análise dos trechos, além das contribuições da pesquisa para trabalhos futuros. As referências bibliográficas englobam os textos que foram usados ao longo do trabalho que não só nos permitiram o embasamento teórico e metodológico para a pesquisa, também nos possibilitaram um amplo contato e um maior entendimento acerca das práticas e representações de leitura.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 As práticas de leitura ao longo do tempo

“A leitura permanece um mistério. Temos dificuldade em compreendê-la hoje e maior dificuldade ainda em nos acercarmos do que era no passado” (Darnton, 2011, p. 143). Essa afirmação, desde a época em que foi feita pelo autor até os dias atuais, nos leva a pensar em como se caracteriza a leitura, os elementos que a constituem, por quem pode ser realizada e através de que meios. É válido destacar, no entanto, que todos esses fatores sofreram impacto de um percurso sócio-histórico e de novas representações sociais da leitura e dos leitores, incluindo também novas práticas de leitura realizadas por esses sujeitos.

Na atualidade, as práticas de leitura, dentre os seres humanos alfabetizados, são vistas como algo natural, desenvolvidas, aprimoradas, com meios rápidos e práticos de serem realizadas, e, por isso, um hábito⁵. A todo momento estamos expostos a textos: livros, *e-books*, legendas, mensagens de texto, folhetos, entre outros inúmeros gêneros. Contudo, não podemos tratar das práticas de leitura tal como elas são hoje em dia, sem colocar em pauta as razões que levaram a essa mudança de práticas e de textos. Na concepção de Saturnino (2011, p. 22), “[...] a caracterização favorável que emprestamos à leitura na atualidade, que parece revesti-la de uma aura positiva e por isso mesmo relacionada à qualificação dos sujeitos, tende a limitar a compreensão da multiplicidade de sentidos e da polissemia de significados atribuídos a essa prática cultural ao longo do tempo”.

Para dialogarmos com a afirmação do autor e entendermos esse percurso histórico, voltemos, por exemplo, ao período do Antigo Regime na Europa, precisamente, na França. Nessa época, as práticas de leitura não ocorriam de forma fácil. Existiam diversos fatores que interferiam no processo da leitura, e, dentre eles, podemos citar alguns: o nível de alfabetização das pessoas, que acabava impactando não somente a leitura, mas também a escrita; o domínio de leitura por parte dos leitores; a carência de acesso aos textos escritos; as religiões, que ditavam o que os adeptos deveriam ler; as classes sociais, que interferiam diretamente no acesso e domínio, uma vez que só deveriam aprender a ler e até mesmo adquirir livros aqueles que possuíam considerável poder aquisitivo, entre outras. Esses fatores são o que Chartier (2011) chama de “condições sociais”, para explicar que nem a leitura e, muito menos, a escrita, eram

⁵ É importante mencionar que, ainda que a leitura e os textos estejam, todos os dias, diante dos nossos olhos, não são todas as pessoas que se dispõem a, propriamente, lê-los. Principalmente no que tange o contexto educacional, no Brasil, pesquisas indicam que 66,3% de adolescentes entre 15 e 16 anos não leem textos com paginação superior a 10. Fonte: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/66-dos-alunos-brasileiros-nao-leem-textos-com-mais-de-dez-paginas-diz-estudo/>

práticas igualitárias a toda a sociedade dessa época, e ainda hoje, quando levamos em conta as devidas proporções e diferenças entre uma época e outra.

Trataremos, então, da relação entre leitura e a alfabetização. Uma primeira condição diz respeito ao domínio da leitura enquanto técnica, tornando o ser humano capaz de decodificar os textos para, depois, atribuir-lhes sentido. Se não havia pessoas alfabetizadas ou elas eram parte de grupos restritos à elite, financeira e intelectualmente, então podemos constatar que as práticas de leitura não tinham grande alcance na vida cotidiana das camadas populares, pelo simples fato de que elas não a dominavam nem mesmo em um nível básico.

Chartier (2011) fala de como a história da leitura era contada, a partir da observação, em um primeiro momento, de documentos assinados que atestavam as habilidades de leitura, elaborados na Inglaterra do século XVII e levavam a crer, inicialmente, que as pessoas já sabiam ler, uma vez que estavam aptas a assinar seu próprio nome. No entanto, como não podia ser mensurado o tamanho das sociedades antigas para que fosse calculada com precisão a quantidade de pessoas que sabiam ler e escrever, os dados são, de certa forma, hipotéticos, tendo em vista que não era o caso, necessariamente, de que todas as pessoas que sabiam escrever, também soubessem ler.

Ainda para Chartier (2011), a dificuldade das sociedades inglesas em se alfabetizarem, principalmente os mais jovens, estava relacionada, muitas vezes, a fatores financeiros, visto que muitos deles precisavam e já estavam na idade de trabalhar e garantir o próprio sustento ou o da família, isto é, participarem da economia familiar, ao invés de irem à escola.

Uma vez que os leitores desenvolviam habilidades léxicas de leitura e escrita, por meio do ensino em casa e escuta de textos, por exemplo, eles precisavam colocá-las em prática. No entanto, na França, no século XVIII, existiam, também, as restrições de textos que poderiam circular no país, mas não livremente, considerando que muitos livros eram armazenados nas bibliotecas de mosteiros. Devido a esses aspectos, os leitores tiveram que se adaptar ao que suas condições permitiam e os modos de contato com os textos ocorreram de forma variada. Sobre essas limitações, Chartier (2011, p. 86) explica que “inicialmente, o leitor é aí confrontado com um número reduzido de livros (a Bíblia, as obras de piedade, o almanaque)”, o que acabava limitando os leitores mais pobres a lerem, basicamente, o que a Igreja ou a elite lhes disponibilizava.

A falta de acesso aos textos e as limitações de livros, assim como sua circulação na sociedade geraram mais um problema para os leitores: a censura. A própria publicação de certos livros era uma ruptura da censura, tal como apontam Bourdieu e Chartier (2011). Tal proibição surge, justamente, pela necessidade de controlar quem poderia ler e o que poderia ler, mas só

passou a ser necessária quando os textos escritos passam a circular com maior frequência e entre diversos grupos sociais que antes não tinham acesso.

Com o “excesso” de materiais de leitura e uma maior facilidade no acesso, surgiu a necessidade de haver o controle por parte dos grupos que estavam no poder (geralmente relacionados à Igreja e aos governantes, o que pode ser percebido, por exemplo, na Igreja católica a partir da Idade Média e até mais recentemente no Brasil da ditadura militar, além da chegada da Família Real, em um período anterior a esse, que fez funcionar a imprensa no país). Ou seja, a censura se relacionava com a ideia de que, para os leitores, se a circulação do texto chegava a ser proibida no país, correspondia ao fato de que seu conteúdo era, minimamente, interessante.

Embora houvesse a censura dos livros e do seu conteúdo, aqueles poucos exemplares que poderiam ser disponibilizados precisavam ser manuseados com cuidado, pois pertenciam às instituições da elite social. Esse mesmo zelo, talvez maior ainda, era atribuído aos livros que os leitores conseguiam adquirir. Os leitores, situados na França e Suíça do século XVIII, precisavam manejar o livro com cautela, uma vez que eram materiais caros e poucos tinham o privilégio de possuí-los, e, quando o tinham, precisavam que fossem de materiais de qualidade para que durassem. Chartier (1998) aborda o material em que os livros eram impressos, deixando claro que os formatos nos suportes não são em nada parecidos com os livros tal como os conhecemos atualmente.

Na história da cultura escrita, os textos eram gravados em tábuas, em rolos e, em seguida, em cópias impressas até chegar aos meios atuais, ou seja, os livros digitais. Segundo Chartier (1998), o leitor precisou adaptar seus modos de ler, a partir dos meios com que realiza essa prática. O autor cita que essa adaptação se deu de diferentes maneiras:

No início da era cristã, os leitores dos códex tiveram que se desligar do livro em rolo. Isso não fora fácil, sem dúvida. A transição foi igualmente difícil, em toda uma parte da Europa do século XVIII, quando foi necessário adaptar-se a uma circulação muito mais efervescente e efêmera do impresso. Esses leitores defrontavam-se com um objeto novo, que lhes permitia pensamentos, mas que, ao mesmo tempo, supunha o domínio de uma forma imprevista, implicando técnicas de escrita e leitura inéditas. (Chartier, 1998, p. 93)

Para o autor, a passagem do rolo para o códex, depois para o impresso e, posteriormente, para o digital, implicou não apenas em mudanças de suporte da leitura, mas também interferiram nas escolhas do que ler e como ler. Essa mudança, percebida ao longo do tempo devido a fatores históricos e sociais, também está atrelada à tecnologia, em razão da sua criação e desenvolvimento até chegar na forma e no acesso como temos atualmente. Os livros foram

um dos materiais que mais sofreram esse impacto e os leitores tornaram-se usuários de vários tipos de suporte.

Antes, a maioria dos livros eram armazenados e disponíveis para consulta, unicamente, nas bibliotecas físicas. Esses espaços, mais que um refúgio para os leitores, eram onde se poderiam reunir àqueles com os mais variados gostos para a leitura, bem como poderiam conter livros que satisfizesse todos esses gostos. Chartier (1998) aborda como era a concepção de uma biblioteca:

Desde Alexandria, o sonho da biblioteca universal excita as imaginações ocidentais. Confrontadas com a ambição de uma biblioteca onde estivessem todos os textos e todos os livros, as coleções reunidas por príncipes ou por particulares são apenas uma imagem mutilada e decepcionante da ordem do saber. O contraste foi sentido como uma intensa frustração. Esta levou à constituição de acervos imensos, à vontade das conquistas e confiscos, a paixões bibliófilas e à herança de porções consideráveis do patrimônio escrito (Chartier, 1998, p. 117)

Com o passar do tempo, esse espaço não ficou restrito apenas ao acesso físico, de forma que os leitores pudessem sentir o livro em mãos, mas evoluiu, impactado pelas novas tecnologias, e passou a ser, além de físico, um acervo eletrônico, em que diversos livros digitais podem ser facilmente consultados. Chartier (1998) também comenta a respeito desse espaço eletrônico, afirmando que ele possibilita o contato do leitor com o livro onde antes eram necessários o deslocamento e um contato precisamente físico. Para ele, esse aspecto oferece uma separação entre “o lugar do texto e do leitor”, dando a entender que pode ser um fato positivo.

Foi a partir da instauração desses espaços de leitura que surgiram, também, práticas como a da leitura silenciosa, que não ficou restrita somente aos espaços físicos da biblioteca, mas evoluíram com ela para o digital. Chartier (2011) explica como a leitura silenciosa era praticada dentro do espaço, mesmo para aqueles que não eram exatamente adeptos dessa prática:

A coexistência pode ser regulada pela disposição arquitetural, que deve possibilitar a convivência, em boa harmonia, de vários tipos de leitura. Os primeiros textos que impunham silêncio nas bibliotecas não datam senão dos séculos XIII e XIV. É apenas nesse momento que, entre os leitores, começam a ser numerosos aqueles que podem ler sem murmurar, sem “ruminar”, sem ler em voz alta para eles mesmos a fim de compreender o texto. Os regulamentos reconhecem esta nova norma e a impõem àqueles que não teriam ainda interiorizado a prática da leitura silenciosa (Chartier, 1998, p. 119-120).

A leitura silenciosa possibilita absorver o conteúdo do livro para si mesmo. Além dessa possibilidade, está relacionada à paz e tranquilidade. Essa, portanto, é uma representação sobre

a leitura, percebida quando entendemos que nem sempre os leitores estão lendo significa que estão relaxando, nem em locais tranquilos.

Não há como negar que a leitura silenciosa surgiu em seguida da leitura oral, principalmente quando mudaram-se os suportes e as pessoas conseguiram, cada vez mais, lerem por si mesmos. Abreu (2001) cita como essa leitura era realizada:

a leitura oral era uma das formas de mobilização cultural e política dos meios urbanos e dos operários. Depois disso, numerosas formas de lazer, de sociabilidade e de encontro, antes mantidas pela leitura em voz alta, tornaram-se cada vez mais restritas. A partir daí as elites passaram a restringir os usos da oralização dos textos. Lia-se em voz alta nas Igrejas e nos tribunais. Lia-se em voz alta nas escolas para controlar a qualidade de sua leitura silenciosa - objetivo final da aprendizagem. No passado, a leitura tomava parte em um conjunto de práticas culturais que passavam pelo livro: a escuta dos textos, sua memorização, o reconhecimento, nas letras impressas no papel, do texto repetidas vezes ouvido, sua recitação para si ou para um grupo.

A prática da leitura oral, portanto, dizia respeito a uma prática feita a partir da fala, ou seja, a oralização. Já a leitura silenciosa, utilizando as palavras de Chartier (2011), se trata do percurso dos olhos sobre o texto. Percebemos, então, que tais práticas (leitura oral, silenciosa, praticada diversas vezes ou apenas uma) são feitas de modo a absorver melhor os textos, indicando também que cada leitor possui seu próprio modo de ler, cada um utilizando recursos que melhor facilitem sua leitura. Além disso, são, também, registros históricos de como a leitura foi se constituindo como uma prática em sociedades letradas como a nossa.

2.2 O que é um leitor?

Diante da dinamicidade nas formas de realizar a leitura, ou seja, nas práticas, o leitor precisou se movimentar dentro desse contexto dinâmico, seja confirmando as práticas e representações sociais, seja contradizendo ou quebrando as regras. Abreu (2001) aborda o perfil do bom leitor. Esse conceito pode ser visto, recentemente, como atribuído aos leitores que liam muito, os mais variados livros. Mas, no passado, entre os séculos XVIII e XIX, tratava-se do leitor que lia pouco e meditava sobre suas leituras. Os leitores, ao lerem muito, nessa época, estavam sujeitos aos males oferecidos pelas práticas de leitura.

Essa ideia reforça que a relação entre leitura e leitor nem sempre foi vista de forma positiva. Abreu (2001) ainda recupera um discurso de um médico suíço chamado Tissot, que escreveu um livro falando sobre os males da leitura, que podem ter a ver com heranças medievais. A autora cita:

Todo o organismo parecia sofrer os efeitos da leitura pois ela agiria duplamente sobre ele, forçando continuamente o espírito ao mesmo tempo que mantinha o corpo em repouso durante longos períodos. Diz o autor que, em sua prática clínica, encontrou os mais graves distúrbios de saúde, originados da leitura e escrita. A “intemperança literária” causa perda de apetite, dificuldades digestivas, enfraquecimento geral,

espasmos, convulsões, irritabilidade, atordoamento, taquicardia, podendo conduzir à “privação de todos os sentidos”. A solução para tantos problemas é ler pouco e fazer exercícios.

Entende-se, então, que o leitor deveria ler pouco e intercalar suas leituras entre pausas para exercícios físicos e mentais, a fim de não afetar a sua saúde. Essa descrição retomada pela autora revela um modo de ver e representar o leitor, modo este que responde a fatores sociais e históricos de um determinado tempo e lugar.

Manguel (2017), por sua vez, ao perceber que essas representações variaram ao longo da história da leitura, buscou descrevê-las a partir de uma classificação metafórica: para ele, o leitor tem sido representado dessa forma, a partir de três imagens principais – o leitor como viajante, como torre e como traça. Cada uma dessas metáforas foi vista de forma diferente ao longo do tempo, verificando-se momentos em que os leitores caracterizados assim eram vistos de forma negativa e/ou positiva, a depender da forma como a leitura era vista. Para ilustrá-las, o autor utilizou de imagens, em grande parte pinturas, além textos variados, alguns deles, ou senão a maioria, de cunho religioso.

Consoante a essa abordagem metafórica, primeiramente, Manguel (2017) trata da questão do leitor como viajante, em que o considera como um ser que vaga pelas páginas do livro, e este como uma estrada a ser percorrida. O autor faz uso de histórias bíblicas para retratar a ideia por trás dessa metáfora, e, com isso, define, utilizando da fala de Santo Agostinho, que “o ato de ler é uma jornada através do texto, reivindicando para a província da memória o território explorado, enquanto, no processo, a paisagem desconhecida que está por vir diminui gradualmente e se torna território familiar” (Manguel, 2017, p. 30-31). Essa definição pode ser associada, também, ao que Chartier (2011, p. 77) propõe acerca do leitor como um aventureiro, quando menciona que “o leitor é um caçador que percorre terras alheias”, recuperando um tipo de leitor que pode viajar do passado para o presente, indicando a mudança nas formas de ler e dos tipos de leitura ao longo do tempo.

Em segundo lugar, temos a metáfora do leitor na torre de marfim, que lhe atribui um perfil de isolamento do mundo, e, como consequência, possibilita uma sensação de solidão e, também, um aumento do intelecto, ou, nas palavras do próprio autor, uma “solidão intelectual”. Lugares como a própria casa do leitor, e, mais especificamente, a biblioteca, serviam como o refúgio para que a leitura fosse praticada de modo mais calmo, confortável e prazeroso, realizada na paz que a maioria dos leitores tanto anseiam durante o ato de ler. Para Manguel (2017), então, a reclusão na torre de marfim é um meio de conhecermos nossa própria experiência no mundo e de traduzi-lo por meio de palavras.

Para exemplificá-la, o autor se baseia na obra de Willian Shakespeare, *Hamlet*, em que o personagem se isola na torre de marfim a fim de encontrar a tal “solidão intelectual”. Acerca dessa metáfora, Molina (2019, p. 151) argumenta que “segundo Manguel, o que passa a ser valorizado é o sujeito engajado, ativo e revolucionário, e não só o portador de uma erudição. Hamlet representaria exatamente o intelectual da torre de marfim, cujo excesso de pensamento dificulta a ação”. Sendo assim, o personagem acaba representando os leitores intelectuais que, ao consumirem os livros em demasia e, de certa forma, isolados socialmente, não conseguem agir para o mundo.

Por fim, o autor apresenta a metáfora do leitor como traça. Segundo ele, o leitor é representado aqui como um “devorador de livros”. Assim, para esse sujeito, o mundo passa a não ter mais significado, apenas os livros. Nas palavras de Manguel (2017), essa é uma metáfora que acaba sendo caricaturizada, devido ao fato de o leitor ser considerado louco. Essa característica é atribuída porque o leitor se isola de tudo e todos, pois se perde nas palavras e não dá atenção aos acontecimentos externos, considerando sua prática árdua de leitura.

Nas palavras do próprio Manguel (2017, p. 110): “implícitas no ato estão as capacidades do leitor: resgatar experiências, transgredir leis físicas, traduzir e reinterpretar informações, aprender fatos, deleitar-se com mentiras e julgar”, e essa afirmação se conecta com a singularidade do leitor, proposta por Chartier (2011), em que cada ato de leitura possui um significado para quem lê. Essas ações caracterizam as nuances que o leitor desenvolve no ato da leitura, enquanto “consome” o livro.

Nessa definição, Manguel (2017) utiliza das imagens de *Dom Quixote*, baseada na obra de mesmo nome do autor espanhol Miguel de Cervantes e *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert. A partir da associação dos personagens principais, Dom Quixote de la mancha e Emma Bovary, enquanto pessoas loucas, o próprio Manguel (2017) os traduz como leitores-traça à medida em que devoram livros e, portanto, se tornam estúpidos. Essas representações sociais da leitura, vistas com base nas metáforas abordadas pelo autor, revelam que, muitas vezes, o leitor se torna alvo de críticas e tachações sociais.

As práticas de leitura, estando relacionadas às formas de ler, diziam e ainda dizem muito sobre suas representações nas sociedades. Na Alemanha, em 1799, existiam certos rituais que leitores exigentes e até mesmo apaixonados, praticavam para atribuir a esse momento e ao livro em si a tranquilidade e o respeito cabíveis. Nessa perspectiva, Darnton (2011, p. 168), partindo de um dossiê alemão de autoria de Johann Adam Bergk, explica a “arte de ler” abordada nesse texto e trata dessa questão abordando as maneiras como o leitor se prepara e se porta diante do livro, isto é “essa arte exige todo um treino, incluindo-se o físico. Não se deve ler depois de

comer. Não se deve ler em pé. Mas, para começar bem um livro, é necessário lavar o rosto com água fria e depois, se possível, levá-lo fora, para lê-lo na natureza, em voz alta, pois o som da voz facilita a penetração das ideias”.

Desse modo, Tragino (2013, p. 29), a respeito desses atos e formas de se portar diante do livro, explica que “os atos físicos de se praticar a leitura assim como os de reagir à sua recepção são comportamentos que, juntos, efetivam caminhos de entendimento do texto, e esse entendimento requer tanto uma manipulação do objeto, quanto uma imaginação aplicada sobre ele”. Ou seja, a prática de leitura e o que o leitor entende de cada uma dessas práticas, isto é, o que ele interpreta dos textos, são características que contribuem para a efetivação e a constituição do texto, bem como com a relação que a leitura desempenha com seus modos de manifestação: o leitor, o texto e o contexto histórico.

Como uma forma de caracterizar os atos de leitura, Platzer e Pascolati, (2010, p. 23) abordam que o leitor deveria “gostar de ler, ter diversidade de materiais de leitura, ser rodeado por leitores, praticar a leitura em espaços ‘adequados’ e, ainda, ter essa prática valorizada pela família”. As representações aí constituídas acabam se relacionando com as condições sociais dos leitores, uma vez que não basta apenas gostar, o leitor deve ter meios e modos para exercer o ato da leitura.

Além desses aspectos, o leitor do século XVIII, com suas práticas de leitura, se caracterizava como um sujeito que estava apto a dominar o hábito de extrair do livro tudo o que ele tinha a oferecer, e, sobre isso, Chartier (1998, p. 77) alega que “toda história da leitura supõe, em seu princípio, essa liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor”. O leitor, em conjunto com suas nuances, então, se configura como um sujeito que, por meio de suas práticas de leitura, atribui à leitura o papel de representação social pelo qual aprende sobre a história, a sociedade e a materialização do mundo em que vive.

3. UMA HERMIONE LEITORA: RELAÇÕES SIMBÓLICAS CONSTRUÍDAS COM OS LIVROS E A LEITURA

Antes de partirmos para a análise em si, torna-se importante, primeiramente, apresentarmos e situarmos a personagem Hermione Granger na trama da série de livros, especificamente, na obra selecionada, *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, a partir de informações que o próprio livro apresenta. Depois, serão apresentados os trechos que, ao longo da obra, se relacionam com as práticas de leitura realizadas por essa personagem.

Hermione Granger é apresentada como uma criança bruxa de onze anos (nesta obra), filha de pais trouxas⁶, com “um tom de voz mandão” que, desde tenra idade, procurou na leitura e nos livros uma forma de satisfazer sua curiosidade e adquirir conhecimento, garantindo sua visibilidade pela Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, seu valor e a caracterização de sua personalidade inteligente e estudiosa.

Sendo Hermione uma menina e uma das principais personagens juntamente com Rony Weasley e o protagonista, Harry Potter, suas características chegaram a afetar, de início, a visão que esses meninos tinham dela. Esse fato se dá porque ela, a todo momento, buscava se provar durante as aulas, se dispondo a responder questionamentos dos professores, recebendo elogios pelas respostas corretas e, até mesmo, garantindo pontos para sua casa, a Grifinória⁷. Essas ações despertaram a inveja e o receio de Harry e Rony em serem seus amigos, o que acabou mudando graças à percepção de que ela, além de lhes oferecer amizade, poderia ajudá-los a estudar, fazer pesquisas e resolver problemas da escola, tornando-os conhecidos como o “trio de ouro”.

É válido salientarmos que, no universo de Harry Potter, as crianças não frequentam a escola até os onze anos, idade na qual são enviadas as cartas de Hogwarts a todas as crianças bruxas. Portanto, se torna interessante enfatizar que Hermione, bem como todos os outros, já chega na escola trazendo outros conhecimentos, entre eles, o domínio de leitura, de escrita e de alguns feitiços. Como não é possível sabermos o que aconteceu na vida da personagem antes do seu ingresso em Hogwarts, presumimos que ela recebeu educação em casa e, provavelmente, aprendeu a ler por ensinamento dos pais ou por conta própria, bem como aprendeu a praticar

⁶ Nomenclatura utilizada na obra para se referir a todo aquele que não é bruxo e nem faz parte de família bruxa. No caso de Hermione, mesmo ela sendo bruxa, vem de uma família que não tem relação com magia.

⁷ Vale destacar que, embora Hermione tenha sido selecionada para a Grifinória, uma casa que valoriza a coragem e determinação, o chapéu seletor se mostrou em dúvida entre essa casa e a Corvinal (cf. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*), que valoriza alunos sábios e que possuem mente alerta, indicando que a personagem possui características positivas e relevantes para as duas casas.

feitiços através de suas leituras. Esse fato expande nossa compreensão acerca do fato de uma criança de onze anos ler tanto e possuir uma bagagem literária abundante.

Desse modo, partiremos, primeiramente, para a análise dos objetivos com os quais Hermione consulta os livros, considerando que essa categoria abrange a maior parte dos dados coletados e se iniciam desde sua primeira aparição na trama, isto é, a partir do capítulo 6. Para isso, elaboramos um quadro que contém esses objetivos e os respectivos trechos onde eles podem ser identificados. Pelo fato de ser o quadro mais extenso, muitas das passagens podem aparecer nas demais categorias, tendo em vista que em um mesmo trecho podem ser identificadas até três categorias distintas, bem como corresponder a mais de um objetivo. Portanto, a fim de evitarmos repetições, enumeraremos os trechos, para que, quando necessário, possamos nos referir a eles apenas com seu número. O quadro está disposto abaixo:

Quadro 01: Objetivos de leitura

Cumprir tarefas e/ou atender a conteúdos escolares	Trecho 1 (durante a apresentação de Hermione)	“Já sei de cor todos os livros que me mandaram comprar, é claro, só espero que seja suficiente” (Rowling, 2021, p. 85).
	Trecho 2 (após Harry se apresentar a ela)	“Verdade? Já ouvi falar de você, é claro. Tenho outros livros recomendados, e você está na <i>História da magia moderna</i> e em <i>Ascensão e queda das artes das trevas</i> e em <i>Grandes acontecimentos mágicos do século XX</i> ” (Rowling, 2021, p. 85).
	Trecho 3 (cochicho ao notar o espanto dos outros ao verem o teto da escola)	“É enfeitiçado para parecer o céu lá fora, li em <i>Hogwarts, uma história</i> ” (Rowling, 2021, p. 94).
	Trecho 4 (tentativa de aprender a voar em uma vassoura)	“Isto não era coisa que se aprendesse de cor em um livro - não que ela não tivesse tentado. No café da manhã de quinta-feira, deu um cansaço neles falando sobre macetes de voo que lera em um livro da biblioteca chamado <i>Quadribol através dos séculos</i> . Neville praticamente se pendurava em cada palavra que ela dizia, desesperado para aprender qualquer coisa que o ajudasse a se segurar na vassoura mais tarde, mas todos os outros ficaram muito felizes quando a conferência de Hermione foi interrompida pela chegada do correio” (Rowling, 2021, p. 116).
	Trechos 5 e 6, respectivamente (pesquisas em grupo com Harry e Rony sobre Nicolau Flamel na biblioteca)	“Andavam realmente procurando o nome de Flamel nos livros [...] O problema é que era muito difícil saber por onde começar, sem saber o que Flamel poderia ter feito para aparecer em um livro. Não se encontrava em <i>Grandes sábios do século XX</i> , nem em <i>Nomes notáveis da magia do nosso tempo</i> , não era encontrável tampouco em <i>Importantes descobertas modernas da magia</i> nem em <i>Um estudo dos avanços recentes na magia</i> . E, é claro, havia também o tamanho da biblioteca em si, dezenas de milhares de livros; milhares de prateleiras; centenas de corredores estreitos” (Rowling, 2021, p. 159).

	<p>“Hermione puxou uma lista de assuntos e títulos que decidira pesquisar, enquanto Rony se dirigiu a uma carreira de livros e começou a tirá-los da prateleira aleatoriamente” (Rowling, 2021, p. 159).</p>
<p>Trecho 7 (após a leitura do “cartão de Bruxo Famoso” feita por Harry, que faz Hermione lembrar-se do que leu sobre Flamel)</p>	<p>“Harry e Rony mal tiveram tempo de trocar um olhar intrigado e ela já estava correndo de volta, com um enorme livro velho nos braços. - Nunca pensei em olhar aqui - falou excitada. - Tirei-o da biblioteca há semanas para me distrair um pouco” (Rowling, 2021, p. 176).</p>
<p>Trecho 8 (os três já haviam descoberto sobre a Pedra Filosofal e precisavam estudar para os exames finais)</p>	<p>“Hermione, no entanto, tinha mais no que pensar do que na Pedra Filosofal. Começara a programar suas revisões e a marcar em cores suas anotações para classificá-las. Harry e Rony não teriam se importado com isso, mas ela não parava de chateá-los para fazerem o mesmo” (Rowling, 2021, p. 184).</p>
<p>Trecho 9 (pergunta de Rony para as revisões constantes de Hermione)</p>	<p>“Em todo caso, o que você está revisando se já sabe tudo?” (Rowling, 2021, p. 184).</p>
<p>Trecho 10 (argumento e culpa dela por não ter começado a estudar antes)</p>	<p>“Que é que estou revisando? Vocês ficaram malucos? Vocês já perceberam que precisamos passar nesses exames para chegar ao segundo ano? Eles são muito importantes, eu deveria ter começado a estudar há um mês, não sei o que deu em mim...” (Rowling, 2021, p. 184-185).</p>
<p>Trecho 11 (os meninos são convencidos por ela a estudarem - e a acompanham no processo)</p>	<p>“Aos gemidos e bocejos, Harry e Rony passaram a maior parte do tempo livre com ela, na biblioteca, tentando dar conta de todos os deveres extras” (Rowling, 2021, p. 185).</p>
<p>Trecho 12 (os três revisam os conteúdos e tentam decorá-los)</p>	<p>“Ele, Rony e Hermione ficavam sozinhos, trabalhavam até tarde da noite, tentando lembrar os <i>ingredientes das complicadas poções</i>, aprender os <i>feitiços e encantamentos</i> de cor, decorar as <i>datas das descobertas mágicas e das revoltas dos duendes...</i>” (Rowling, 2021, p. 199).</p>
<p>Trecho 13 (Harry retorna até onde estavam os amigos após ouvir uma discussão entre os professores)</p>	<p>“Harry voltou à biblioteca, onde Hermione estava tomando os pontos de astronomia de Rony” (Rowling, 2021 p. 199).</p>

	Trecho 14 (Hermione comenta com os amigos logo depois de prestarem os exames)	“Foi muito mais fácil do que pensei [...] Eu nem precisava ter aprendido o <i>Código de Conduta do Lobisomem de 1637</i> nem a revolta de <i>Elfric, o Ambicioso</i> ” (Rowling, 2021, p. 213).
Ler para distrair-se	Trecho 7 (em que Hermione comenta ter pegado o livro na biblioteca para se distrair)	“Harry e Rony mal tiveram tempo de trocar um olhar intrigado e ela já estava correndo de volta, com um enorme livro velho nos braços. - Nunca pensei em olhar aqui - falou excitada. - Tirei-o da biblioteca há semanas para me distrair um pouco” (Rowling, 2021, p. 176).
Ajudar o protagonista na resolução de problemas	Trecho 15 (oferecimento de ajuda a Harry para chegar até a Pedra)	“É melhor eu dar uma olhada nos meus livros, talvez encontre alguma coisa útil...” (Rowling, 2021, p. 219).
	Trecho 16 (ajudando Harry a anular os feitiços colocados no caminho)	“Hermione folheava seus apontamentos, esperando encontrar um dos feitiços que queriam anular” (Rowling, 2021, p. 219).

Fonte: autoria própria, a partir da obra de Rowling (2021)

É possível percebermos que Hermione utilizou de suas práticas de leitura para diversas finalidades, que visavam não apenas beneficiar a si mesma, mas também aos seus amigos, ou seja, suas práticas de leitura serviam sempre a um propósito, e cada uma de suas leituras tem, de alguma forma, utilidade dentro da trama.

A personagem, assim que adquiriu os exemplares dos livros recomendados pela escola, sobre os quais trataremos no quadro 2, já realizou uma leitura prévia deles, com o objetivo de aprender, desde antes de chegar à Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, acerca das disciplinas ofertadas⁸, tal como podemos ver no trecho 1. Mesmo que a fala possa gerar um efeito de ambiguidade, tendo em vista que não se sabe ao certo se o que a personagem “sabe de cor” e se “é suficiente”, são os exemplares em si ou o seu conteúdo, podemos associar seu perfil a uma das metáforas abordadas por Manguel (2017): a metáfora da traça. Ao afirmar que havia lido todos os livros, demonstra um perfil de leitora voraz, mesmo sem ter certeza se, de fato, essas leituras seriam utilizadas nas atividades escolares.

⁸ Na ordem em que aparecem na obra: Astrologia, Herbologia, História da Magia, Feitiços, Transfiguração, Defesa Contra as Artes das Trevas e Poções.

Ao atribuímos essa metáfora à personagem Hermione, não queremos dizer que ela lê tanto ao ponto de enlouquecer, como o próprio Manguel (2017) apresenta com seus exemplos dos personagens Dom Quixote e Emma Bovary, mas representa uma prática de leitura feita de modo consciente. Ou seja, essas práticas não condizem a um fim de degradação, mas sim, apenas são muitas leituras feitas de modo voraz, uma característica de muitos leitores ao passar dos anos, e, talvez, atualmente, até mais do que no passado, sendo ainda mais valorizada.

Além de apresentar esse comportamento de leitora voraz, percebemos que Hermione utiliza de suas práticas de leitura para, a todo momento, adquirir conhecimento. No trecho 2, ela já deixa essa informação implícita quando se apresenta a Harry Potter e Rony Weasley no trem para Hogwarts, dizendo que possui outros livros provenientes de recomendações. Por mais que não esteja claro quem os recomendou, ela realizou a leitura deles, novamente, antes de entrar na escola, e foi durante essas leituras que ela soube da existência e do feito do protagonista, como relata, em um certo tom de espanto.

Harry, então, por mais que exista na realidade da trama, quando se trata das leituras de Hermione, era apenas um personagem até ela vê-lo e conhecê-lo pessoalmente. Isso revela que foi por meio de suas práticas que ela acabou descobrindo àquele que viria a ser seu melhor amigo, revelando que a leitura pode romper horizontes e construir relações com o mundo real (ou fictício, como na trama).

É válido destacarmos que, mesmo que sejam muitas práticas de leitura, muitos livros lidos e bastante conhecimento adquirido em um período de tempo em que ela nem sequer sabia com certeza se receberia a carta de Hogwarts, tendo em vista que não era filha de pais bruxos e alega que esse acontecimento foi uma “surpresa”, Hermione já menciona e deixa subentendidas todas essas informações já na sua primeira aparição na trama.

Isso acaba revelando que a personagem talvez quisesse passar uma primeira impressão impactante do seu intelecto, algo notável quando ela profere “é claro” no primeiro trecho. Essa expressão, nesse contexto exposto no trecho, condiz a um tom de arrogância, como se as leituras fossem algo que todos deveriam ter feito, como se fosse óbvio para os outros. Assim, isso acabou deixando em evidência para os demais o quanto ela poderia se destacar na escola, além de transparecer um tom de arrogância dela e insegurança pra Harry e Rony, como o segundo destaca dizendo “seja qual for a minha casa, espero que ela não esteja lá” (Rowling, 2021, p. 85).

O fato de a personagem ser menina pode ter induzido essa espécie de necessidade de se destacar na escola. Tal destaque pode ser associado à ideia de um empoderamento feminino construído por ela para si mesma através de suas leituras e do intelecto possibilitado por elas.

Para além disso, não podemos esquecer de que a personagem nasceu em família trouxa, e esse estereótipo de gênero também está carregado desse preconceito⁹, na obra, com pessoas que não tem familiares bruxos, considerando que ela é a única que é mencionada na obra com essa característica.

Esse empoderamento é demonstrado ainda mais por meio da intelectualidade que Hermione busca transparecer quando menciona, no trecho 3, a leitura de um livro relacionado à história de Hogwarts. Tal fala foi proferida em tom baixo, como um cochicho, para Harry, no momento que ela percebeu seu espanto ao entrarem em um espaço denominado Grande Salão¹⁰, onde havia um teto negro repleto de estrelas.

Por já saber, através de suas leituras prévias, da existência dessa magia, Hermione não se sente surpresa, mas sim, que precisa esclarecer essa informação para aqueles que não a conhecem. Isso acaba demonstrando o preparo da personagem para entrar na escola, pois procurou saber mínimos detalhes sobre o lugar por meio dos livros.

Além do que foi mencionado nos trechos anteriormente citados, Hermione utiliza de suas práticas de leitura para aprender a voar, algo que é exposto no trecho 4, representando uma saída de sua zona de conforto, tendo em vista que ela se mostra nervosa apenas com a ideia de os alunos terem aulas de voo do lado externo da escola. Mesmo que ela tenha buscado aprender como voar, e, principalmente, como jogar quadribol, não é mencionado em nenhum momento na série de livros que ela chegou a praticar o esporte. Entretanto, mesmo assim, ela buscou aprender como se faz através dos livros.

O livro em questão (*Quadribol através dos séculos*) acaba sendo usado tanto para ela saber acerca do quadribol, quanto para empréstimo ao seu amigo Harry, ao longo da trama. Porém, para ela, o livro não teve tanta valia, pois ela não se sentia preparada para voar. Mas, para Neville Longbottom, que também estava nervoso para a aula, a leitura dela e os seus comentários foram, praticamente, uma luz. Essa ação do menino, de “se pendurar em suas palavras”, demonstra que ele não se interessou em aprender sobre o assunto previamente, muito menos por meio de leituras, e acabou encontrando em Hermione uma fonte de conhecimento

⁹ Temos uma demonstração clara desse preconceito no segundo livro da saga (*Harry Potter e a Câmara Secreta*). Nessa obra, o personagem Draco Malfoy, um dos antagonistas, chama Hermione de “sangue-ruim”, pelo fato de ela ter nascido em família trouxa. Esse termo é visto como uma das piores ofensas para um bruxo dentro do universo da trama e afeta profundamente Hermione. Vale salientar que temos outras nomenclaturas relacionadas à magia nas famílias, como é o caso de Rony ser “sangue-puro”, porque seu pai e sua mãe são bruxos, e Harry ser “mestiço” devido ao fato de seu pai ser bruxo e sua mãe ser trouxa. Além desses, temos o caso de um “aborto”, ou seja, um filho de pais bruxos que nasce sem magia.

¹⁰ Espaço onde todos os alunos, de todas as casas e anos, além do diretor e professores, se reúnem para a seleção, avisos e refeições.

que poderia lhe ser útil, tendo em vista que, para ele, talvez, ouvir outra pessoa de seu círculo social ensinando algo seria mais proveitoso.

Ainda no trecho em questão, podemos notar que se repete a tentativa de Hermione de decorar tudo o que há no livro, com a ressalva de que essa ação não seria possível. Nisso, identificamos o perfil de Hermione, novamente, associado à metáfora do leitor como traça, trazida por Manguel (2017), quando cita que o leitor lê tanto ao ponto de “devorar” os livros, ou seja, tenta absorver tudo aquilo que o livro tem a oferecer.

Diante do que foi exposto até então, a trama nos leva aos acontecimentos que vêm a impactar e contribuir com a história, com as práticas de leitura de Hermione exercendo, propriamente, uma das funções mais importantes dentro do enredo. O trecho 5 marca essa função, apresentando o início das pesquisas acerca do alquimista Nicolau Flamel, responsável por produzir a Pedra Filosofal. Hermione se junta aos seus amigos Harry e Rony para realizar tal busca. Notamos que os personagens não possuem nenhum filtro de pesquisa, apenas têm o nome como informação, e, por esse motivo, a busca se torna difícil.

A pesquisa apresenta algumas limitações: a primeira diz respeito ao fato de não poderem compartilhá-la com ninguém, incluindo os professores, o diretor Alvo Dumbledore e a própria bibliotecária, pessoas que, possivelmente, poderiam ajudá-los; a segunda corresponde ao nome de Flamel, algo restrito entre o diretor, os professores e alguns funcionários, e os alunos saberem já era considerado uma quebra das regras: a terceira se trata do tamanho da biblioteca, tal como é relatado ainda nesse trecho, fazendo com que os alunos não saibam por onde começar.

Todas essas limitações estão associadas às práticas de leitura proibidas. Para Chartier (1998), elas refletem a falta de uma “liberdade de leitura” que, na trama, não era oferecida aos alunos. Conceção parecida faz Abreu (2001) quando aborda a relação nem sempre positiva entre leitura e leitores, tanto pelos malefícios que ela poderia proporcionar, quanto para a contribuição favorável (ou não) a ir de acordo ou contra as regras do que se lê.

Mesmo com todas as limitações e dificuldades que são, de certa forma, naturais entre os leitores, temos, no trecho 6, a organização de Hermione para realizar sua pesquisa, apesar da escassez de filtros que pudessem ajudar. É notável que a lista mencionada já havia sido feita por ela anteriormente, mesmo que essa informação não esteja presente na obra, demonstrando um certo costume e sabedoria de Hermione ao se preparar para pesquisar algo nos livros. Para ilustrar melhor, se pegarmos o restante da passagem referente a Rony Weasley e fizermos uma comparação, é mencionado que ele “se dirigiu a uma carreira de livros e começou a tirá-los da prateleira aleatoriamente” (Rowling, 2021, p. 159). Portanto, Hermione, representada como

uma leitora assídua e organizada, sabe diferentes formas de se desviar das dificuldades que permeiam a leitura.

Ainda relacionado às pesquisas sobre Nicolau Flamel, percebemos que a personagem, habitualmente imersa em suas leituras e nas suas práticas de ler até saber de cor, se recorda que leu algo a respeito do alquimista em um “enorme livro velho”, como é observado no trecho 7. Isso nos leva a refletir sobre os dois adjetivos usados para se referir ao exemplar: a leitura de livros de livros volumosos (enorme) e a qualidade do material (velho).

Se torna interessante pensarmos sobre essa caracterização do livro como enorme e velho a partir do poder simbólico que a imagem desse livro transparece na obra: um livro “enorme” tem uma representação imponente, de elevado destaque; o “velho” pode estar relacionado a um exemplar muito manuseado (e por isso gasto), mas também a uma tradição, que lhe confere importância.

Além disso, essa é uma prática de leitura que, ainda que tenha sido realizada de modo a distrair a personagem, apresenta uma leitura que se mostra decisiva na trama, pois foi nesse livro que ela leu acerca de Nicolau Flamel e sobre a Pedra Filosofal. Tal prática, portanto, é diegética, na medida em que cumpre uma função específica dentro da obra e é de suma importância para o desencadeamento do tema central da história.

Finalizadas as pesquisas, já que os personagens encontraram o que tanto buscavam, temos, nos trechos seguintes (8 ao 13), a finalidade de utilizar a leitura para estudar para os exames finais, realizados ao final de cada ano letivo em Hogwarts. Notamos que Hermione procura se desviar do foco da Pedra Filosofal para estudar para seus exames, comprovando que ela se preocupa com o seu intelecto e em manter a boa média das notas. Além de se manter focada no seu próprio exame, ainda influencia os amigos a estudarem com ela, mostrando-os que ler e estudar podem se mostrar de grande valor quando se dedica a isso. Essa é uma representação da leitura, que a coloca como prática positiva e também a relaciona a atividades escolares. Essas leituras, são, portanto, para cumprir tarefas escolares – os exames – que parecem estar, nesse momento, desconectadas das demais leituras realizadas para cumprir ações exigidas em outras situações da trama.

Suas leituras, então, mudam de materiais: agora podemos ver que são revisões e anotações, indicando que ela lê e utiliza do recurso de refletir sobre elas, anotando o que entendeu em um papel, facilitando seu estudo e sua compreensão sobre o conteúdo. A todo momento, a fama de Hermione de “sabe-tudo”, tal como Rony chega a indicar, é de suma importância para ele e Harry, que não possuem práticas de leitura constantes como ela e acabam por encontrar na personagem uma fonte de ajuda e informação.

Podemos associar essa mudança nos materiais de leitura com a análise das leituras de Jean Ranson, fiel leitor de Jean-Jacques Rousseau, feita por Darnton (2011). O autor se propõe a analisar cartas enviadas pelo leitor ao próprio Rousseau, bem como algumas cartas enviadas a livreiros para a aquisição de livros. Entre as compras, está um manual de Nicolas-Antoine Viard, e esse manual contém as relações da leitura e compreensão dos textos. Nisso, Darnton (2011, p. 151) menciona que “existe memorização, certamente, mas deve desembocar na reflexão: ‘A memória carrega-se facilmente com o que foi lido várias vezes [...]’”.

Pelo fato de ler e fazer anotações sobre suas leituras, identificamos que Hermione não se prende somente à memorização do conteúdo dos livros, mas utiliza do recurso de refletir sobre o que leu e anotar essas reflexões. Assim, é possível associarmos esse aspecto à fala do autor no sentido de que as revisões de Hermione são, na verdade, a maneira de carregar sua memória com o que absorveu a partir de sua prática de leitura.

Já depois dos exames realizados, conforme vemos no trecho 14, Hermione relata que não deveria ter estudado tanto, e que chegou a ler obras que não se mostraram necessárias durante a realização do exame, reforçando o seu interesse de ler e aprender sempre mais, alegando que achou o exame de teor fácil e indicando que estudou muito.

É possível percebermos, ainda, como as práticas de leitura de Hermione são multifacetadas. Ao mesmo tempo que são importantes para as ações da trama, também correspondem, para a personagem em si, a uma escapatória para uma mente que pensa demais. No trecho 7, notamos essas nuances, quando vemos que ele atende a dois objetivos distintos: agora, o de ler para se distrair. Hermione nos fornece o olhar de quem se refere à leitura não meramente como fonte de conhecimento ou de estudos, mas de quem a trata como relaxamento e divertimento. Para Manguel (2017), um livro, para o leitor que realmente o aprecia, pode representar muitas coisas, e ele as cita:

Como um repositório de memória, um meio de transcender os limites do tempo e espaço, um local para reflexão e criatividade, um arquivo da nossa experiência e da dos outros, uma fonte de iluminação, felicidade e, às vezes, um consolo, uma cônica de eventos passados, presentes e futuros, um espelho, uma companhia, um professor, uma invocação dos mortos, um divertimento [...] (Manguel, 2017, p. 20).

Assim, percebemos essa relação de Hermione para com os livros, seu cuidado e sua forma de tratá-los. Considerar a leitura como um meio para distrair a mente abre espaço para entendermos a leitura diante de várias nuances e diversas finalidades, tal como a personagem nos prova.

Em contraste com os demais objetivos do quadro, agora temos as leituras indo além da teoria, pois os personagens, por meio das pesquisas e leituras, já sabiam do que se tratava a

Pedra, o poder que ela contém, o que ela pode fazer e quem a criou; só restava, então, achá-la. Vemos isso nos trechos 15 e 16, em que os objetivos se detêm a ajudar Harry, dessa vez, não mais para passar nos exames ou para ajudar a descobrir sobre Nicolau Flamel, mas para ir em busca, literalmente, da Pedra Filosofal, que poderia trazer o maior vilão da saga de volta: Lorde Voldemort. Harry, atormentado pela cicatriz de raio¹¹ e pelo receio do retorno dele e todo o mal que poderia ser despertado, decide encarar esse desafio, e, dessa vez, conta com a inteligência de Hermione para o ajudar.

Para tanto, Hermione se dedica a procurar nos livros, novamente, algo que possa servir de norte para o protagonista, mas notamos que nem ela mesma sabe ao certo o que deve procurar, pois diz que vai em busca de “algo útil”. Novamente, Hermione reforça que os livros são sua principal fonte de pesquisa em qualquer momento que ela precise. Ela folheia os apontamentos, também seu material de pesquisa, onde ela, provavelmente, anotou algo relacionado a feitiços. Percebemos que esses apontamentos podem ser provenientes da leitura dos livros indicados pela escola, que ela anotou para facilitar seu aprendizado. O hábito de refletir sobre suas leituras e anotar o que entendeu em um papel, comprovam sua representação de que não basta apenas ler, têm-se que aprender sobre o leu.

Hermione, além de ter uma ampla bagagem literária, consegue relacionar suas leituras à sua vida cotidiana (na escola e fora dela), o que torna essas leituras eficazes não apenas para ela, como também para os demais personagens do seu núcleo próximo. Isso é perceptível ao analisarmos o quadro 2, abaixo:

Quadro 02: Tipos de obras lidas

	<i>Livro padrão de feitiços (1ª série)</i> de Miranda Goshawk (p. 53)
	<i>História da magia</i> de Batilda Bagshot (p. 53)
	<i>Teoria da magia</i> de Adalberto Waffling (p. 53)
	<i>Guia de transfiguração para iniciantes</i> de Emerico Switch (p. 53)
	<i>Mil ervas e fungos mágicos</i> de Fílida Spore (p. 53)

¹¹ Harry, ainda quando era bebê, quase foi assassinado pelo bruxo Lorde Voldemort, o qual descobriu, através de uma profecia, que seria derrotado por um garoto nascido no fim de julho. Presumindo que se tratasse de Harry, já que o mesmo nasceu no dia 31 do referido mês, o vilão foi até a casa da família Potter, assassinou o pai de Harry, Tiago (em inglês, James) e se preparou para matar o garoto, mas sua mãe, Lílian, deu a vida por ele e, sem saber, com essa atitude, o protegeu com um escudo. Voldemort utilizou a Maldição da Morte, uma das maldições imperdoáveis (feitiço *Avada Kedavra*), conjurada pelo movimento da mão no formato de raio no ar, e acertou a testa de Harry, que, protegido pelo escudo, fez com que o feitiço ricocheteasse e acertasse Voldemort, e este, desapareceu. A cicatriz, então, se tornou a marca registrada do garoto, tornando-o conhecido por todo o mundo bruxo como aquele que derrotou o Lorde das trevas e “o menino que sobreviveu”, isso porque ele foi o único em toda a história que sobreviveu à Maldição da Morte (duas vezes). A cicatriz dói em Harry sempre que a presença maligna de Voldemort está à sua espreita.

Materiais para estudo	<i>Bebidas e poções mágicas</i> de Arsênio Jigger (p. 53)
	<i>Animais fantásticos & onde habitam</i> de Newt Scamander (p. 53)
	<i>As forças das trevas: Um guia de autoproteção</i> de Quintino Trimble (p. 53)
	<i>Ingredientes das poções</i> (autoria não mencionada, p. 199)
	<i>Feitiços e encantamentos</i> (autoria não mencionada, p. 199)
	<i>Datas das descobertas mágicas e revoltas dos duendes</i> (autoria não mencionada, p. 199)
	<i>Código de conduta do lobisomem de 1637</i> (autoria não mencionada, p. 213)
	<i>Revolta de Elfric, o ambicioso</i> (autoria não mencionada, p. 213)
	<i>Apontamentos sobre Transfiguração</i> , de Hermione Granger (p. 214)
Livros históricos (pesquisas próprias)	<i>História da magia moderna</i> (autoria não mencionada, p. 85)
	<i>Ascensão e queda das artes das trevas</i> (autoria não mencionada, p. 85)
	<i>Grandes acontecimentos mágicos do século XX</i> (autoria não mencionada, p. 85)
	<i>Hogwarts, uma história</i> (autoria não mencionada, p. 94)
	<i>Quadribol através dos séculos</i> (autoria não mencionada, p. 116)
	<i>Grandes sábios do século XX</i> (autoria não mencionada, p. 159)
	<i>Nomes notáveis da magia do nosso tempo</i> (autoria não mencionada, p. 159)
	<i>Importantes descobertas modernas da magia</i> (autoria não mencionada, p. 159)
<i>Um estudo dos avanços recentes em magia</i> (autoria não mencionada, p. 159)	

Fonte: autoria própria, a partir da obra de Rowling (2021)

Os primeiros oito livros são correspondentes às recomendações da escola e estavam inseridos em uma lista enviada para os alunos pouco antes do início das aulas, para que fossem comprados juntamente com o material escolar. A lista na qual podemos ver os títulos dos exemplares era direcionada a Harry Potter, porém, subentende-se que Hermione também recebeu uma, considerando que ela foi enviada a todos os alunos do primeiro ano.

Os livros variam de eixos, temáticas e autores, e cada um deles possui uma finalidade direcionada às disciplinas ofertadas na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, bem como servem para atender às necessidades de pesquisa da personagem, ou seja, são leituras, por vezes, paradidáticas. Não é relatado na obra o uso de algum desses exemplares durante as aulas,

considerando que nenhum desses títulos se repete ao longo da trama¹², então, presumimos que se trata de um meio para que os alunos possam aprender sobre os conteúdos previamente ou são, meramente, materiais de consulta quando necessário.

Como mencionamos, os livros são itens adquiridos por meio de compra pelos próprios alunos, ou seja, a escola não os fornece gratuitamente. O poder aquisitivo, nesse caso, impacta na aquisição e na qualidade dos materiais, pois não são todos os alunos que podem comprá-los em perfeito estado, como é o caso de Rony Weasley, que os adquire por via de segunda mão, isto é, passados como uma espécie de herança dos seus irmãos mais velhos.

No caso de Hermione Granger, mesmo que seus pais não sejam bruxos, eles possibilitaram a ela o contato com itens de qualidade, reconhecendo o apreço da filha por livros e leitura. A partir dessa perspectiva, é possível fazermos uma comparação entre os dois personagens. Os reflexos de Rony e Hermione acabam se relacionando com as condições de leitura, abordadas por Chartier (2011) e divergindo quando percebemos que tais condições não beneficiam a todos igualmente, mesmo que não impactem diretamente a leitura, pois esse aspecto varia entre públicos leitores e classes sociais.

Além dessas indicações da escola, temos o restante dos materiais para estudo e vemos que eles estabelecem um diálogo com os citados anteriormente, pois tais materiais são usados por Harry, Rony e Hermione para estudarem para os exames ao final do ano letivo. Esses materiais não são, necessariamente, livros, mas podemos considerá-los como apontamentos, ou guias, que facilitem o estudo de quem os consulta. O caso das obras que correspondem ao *Código de conduta do lobisomem*, à *Revolta de Elfric, o ambicioso* e aos *apontamentos sobre Transfiguração*, a personagem leu por si própria, evidenciando sua ânsia em aprender sempre mais.

Temos, ainda, as menções a livros que entendemos como livros históricos, pois são títulos que nos permitem entender alguns acontecimentos que ocorreram ao longo da história do mundo bruxo, e que Hermione os pesquisou por conta própria. Os três primeiros (*História da Magia Moderna*, *Ascensão e queda das artes das trevas* e *Grandes acontecimentos mágicos do século XX*), ela os chama de “livros recomendados”, mas não se sabe ao certo quem os recomendou, e diz que foi neles que ouviu falar da existência e do feito de Harry, como ela retrata, em um pequeno tom de espanto, logo depois de se apresentarem: “Verdade? Já ouvi

¹² Uma vez que alguns dos livros, talvez por erro de tradução, se apresentam com títulos diferentes, ou seja, algumas partes trocadas ou faltando, como é o caso de “*Um estudo dos avanços recentes na magia*” e “*Mil ervas e fungos mágicos*”, que aparecem, nas páginas 177 e 185, respectivamente, com os títulos “*Estudo dos avanços recentes em magia*” e “*Cem ervas e fungos mágicos*”.

falar de você, é claro. Tenho outros livros recomendados, e você está na *História da magia moderna* e em *Ascensão e queda das artes das trevas* e em *Grandes acontecimentos mágicos do século XX*” (Rowling, 2021, p. 85).

Referente a outra pesquisa própria, Hermione optou por ler um que contasse a história da escola onde iria passar grande parte dos próximos sete anos de sua vida, fazendo com que tal obra, (*Hogwarts, uma história*), se encaixe, também, na categoria dos livros históricos, tal como a obra *Quadribol através dos séculos*, que busca contar a forma como o esporte praticado em Hogwarts se desenvolveu e foi evoluindo ao longo do tempo.

Os últimos livros históricos dizem respeito a obras que apresentavam nomes importantes da magia, descobertas que contribuem para o entendimento e prática da mesma e como estudá-la. Mesmo que esses livros tenham sido para pesquisar sobre Nicolau Flamel, esse filtro de pesquisa não impediu Hermione de lê-lo por completo, pois não se tinha uma forma mais fácil de pesquisa e apenas folhear o livro à procura do nome não parece ser eficaz, principalmente quando o leitor faz isso em uma obra que nunca foi lida. Isso é perceptível na trama quando é dito que “[...] era muito difícil saber por onde começar, sem saber o que Flamel poderia ter feito para aparecer em um livro” (Rowling, 2021, p. 159).

É possível notarmos que, pelo fato de o livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal* ter sido publicado no ano de 1997, ou seja, no final do século XX, a autora J. K. Rowling utilizou da estratégia de inserir na obra alguns títulos fictícios, publicados no mundo mágico, que contam feitos realizados neste século, como é o caso das obras “*Grandes acontecimentos mágicos do século XX*” e “*Grandes sábios do século XX*”. Essa ação demonstra que, além de apresentar livros que contam histórias, por exemplo, de Hogwarts e do Quadribol ao longo de vários anos, a autora também insere obras de um período de tempo quase contemporâneo à trama, colocando em evidência uma importante representação de leitores que leem livros antigos e atuais e garantindo uma maior verossimilhança.

Outro fato que podemos observar são, propriamente, os tipos de livro que Hermione lê. Em nenhum momento, e os próprios títulos de suas leituras deixam claro, a personagem lê livros que se relacionem à sua idade. Quando dizemos isso, nos referimos aos romances, às histórias de aventura, fantasia, ou outros gêneros literários que os adolescentes costumam ler. Pelo contrário, suas práticas de leitura indicam uma seriedade e comprometimento em aprender a ser

uma excelente bruxa, e que outros livros que não venham a agregar no seu intelecto e nos seus estudos não são dignos de distrações e não são bem vindos nas suas práticas¹³.

Podemos constatar, até então, que a personagem, apesar de estar em ambiente escolar e ter uma lista de livros sugeridos pela escola: 1) não menciona o uso desses livros, ao menos não explicitamente, durante o decorrer da trama, mas não significa dizer que eles não fazem parte, de forma alguma, da sua formação escolar; 2) não se limita aos livros listados, indo além do que é solicitado e, esses sim, por motivos relacionados às situações vividas na trama; 3) é autônoma nessa busca, não esperando pela recomendação de outras pessoas, o que revela uma prática independente, possível para leitores que já têm familiaridade com o universo dos livros e da leitura (mesmo tendo uma dificuldade natural em não saber como fazer a pesquisa, por vezes, ela ainda assim sabe onde buscar e consegue encontrar estratégias para realizar a busca).

De certa forma, essa desconexão comentada em (1), não é muito diferente do que vemos acontecer ainda hoje em muitas salas de aula. Por outro lado, as práticas mencionadas em (2) e (3) são o que se esperaria de um leitor proficiente e capaz de realizar suas leituras de maneira autônoma, quando necessário.

Os leitores podem escolher o modo como vão realizar suas práticas de leitura, dependendo de fatores como o lugar, o tipo de leitura, o suporte, a finalidade, e, com Hermione, não é diferente. Vejamos:

Quadro 03: Formas de ler

Leitura oral	Trecho 17 (após Hermione dizer que havia pegado o livro para se distrair, gerando surpresa em Rony)	“[...] mas Hermione mandou-o ficar quieto, enquanto procurava alguma coisa e começou folhear as páginas do livro, ansiosa, resmungando para si mesma” (Rowling, 2021, p. 176)
Leitura compartilhada	Trecho 18 (ela acha o trecho que estava procurando e o lê em sussurro)	“Nicolau Flamel [...] é, ao que se sabe, a única pessoa que produziu a Pedra Filosofal” (Rowling, 2021, p. 176)
Leitura silenciosa (sozinha)	Trecho 19 (nervosismo com relação aos exames, mesmo depois de já ter feito)	“Acordei a noite passada e já tinha lido metade dos meus apontamentos sobre Transfiguração quando me lembrei que já tínhamos feito a prova” (Rowling, 2021, p. 214)
Leitura silenciosa (coletivamente)		“Afim! estavam procurando havia quinze dias, mas como só tinham breves momentos entre as

¹³ Por mais que a personagem possua práticas de leitura teórica de modo amplo, isso não anula dizer que ela não lê, de maneira alguma, outros gêneros quando não está inserida no contexto escolar, pois ela menciona, no último livro da saga, que leu o livro *Os contos de Beddle, o Bardo*, e chega a narrar um desses contos, isto é, O conto dos três irmãos (cf. *Harry Potter e as Relíquias da Morte*). Embora Hermione não tenha realizado a leitura desses contos com um propósito definido, no período que os leu a primeira vez, o conto citado também desempenha uma função importante na trama do último livro da série.

	Trechos 20 e 21, respectivamente (pesquisas sobre Nicolau Flamel na biblioteca com os amigos)	aulas, não era surpresa que não tivessem achado nada” (Rowling, 2021, p. 159)
		“Quando o novo período letivo começou, eles voltaram a folhear os livros durante os dez minutos de intervalo entre as aulas” (Rowling, 2021, p. 173)
	Trecho 22	“Ah, francamente, vocês dois não leem? Olhem, leiam isso aqui” (Rowling, 2021, p. 176)
	Trecho 23 (argumento de Rony ao terem achado o nome de Flamel em outro livro que não era no que procuraram)	“E não me admira que não conseguíssemos encontrar Flamel em <i>Estudos dos avanços recentes em magia</i> ” (Rowling, 2021, p. 177)

Fonte: autoria própria, a partir da obra de Rowling (2021)

Diante da variedade de práticas de leitura, Hermione nos possibilita enxergar algumas delas através de suas próprias leituras e das formas de realizá-las. No trecho 17, a personagem, ao se lembrar que havia lido um livro que continha o nome de Nicolau Flamel, vai imediatamente buscá-lo, ficando, até mesmo, ansiosa para compartilhar com os amigos Harry e Rony. Ao encontrar e levar o exemplar, cujo título não é mencionado, até os outros, começa a folheá-lo em fervorosa e murmurando o que, talvez, seja o trecho específico que continha o nome de Flamel.

O ato de “resmungar para si mesma”, ao mesmo tempo que revela uma prática de leitura oral, pois, por mais que não passe de um resmungo, ela ainda utiliza de um tom de voz mais alto, mesmo que os outros não consigam entender o que ela diz, e, com isso, chamar de resmungo. Ou seja, a prática é oral porque Hermione utiliza sua voz “mais para si mesma” e individual porque o tom de voz não é suficiente para que outras pessoas ouçam. Nesse sentido, Chartier (2011) alega que essa prática era costumeira antes da leitura silenciosa, realizada totalmente sem o uso da voz, se tornar comum entre os leitores.

Hermione também realiza a leitura de um dos trechos que encontrou no livro, o qual fala, especificamente, do alquimista Nicolau Flamel. Ao realizar a leitura de forma inteiramente oral, como podemos ver no trecho 18, para que os outros dois colegas ouçam alto e claro, e não mais como um resmungo, indica o compartilhamento da informação para os colegas, ou seja, através da leitura em voz alta, ela possibilita a Harry e Rony que também tenham acesso àquilo que ela está lendo.

Essa mediação da leitura muito tem a ver com a concepção da leitura como uma prática coletiva, isto é, quando uma pessoa lê para outras. Essa prática era observada, por exemplo, em tempos nos quais a alfabetização era escassa, e, portanto, ocorriam as recitações de histórias, tal como aponta, ainda, Chartier (2011). No caso da trama, embora todos os personagens

possuem um domínio de leitura significativo, se fez necessário que Hermione a mediasse, logo, podemos associar ao que o autor propõe.

Temos, ainda um ato de leitura que podemos entender como sendo silenciosa, observado no trecho 19, tendo em vista que Hermione a realiza sozinha. Mesmo que sejam leituras de apontamentos para estudo e não um livro em si, a personagem pratica tal leitura de forma totalmente autônoma. A partir dessa prática, podemos entender que a leitura dos apontamentos está voltada a uma perspectiva de reflexão pessoal, ainda que não se fizesse mais necessária, pois as provas já tinham ocorrido. Dessa forma, a prática de leitura silenciosa corresponde a um desejo de introspecção, levando o leitor a um estado de reflexão.

Mesmo com as ocorrências de Hermione utilizando as práticas de leitura oral, com os meninos, e silenciosa, sozinha, percebemos casos de leitura coletiva, mas, dessa vez, realizada de forma inteiramente silenciosa, por Hermione, Harry e Rony. Nos trechos 20 e 21, a leitura, por mais que seja feita sem o uso da voz, revela a forma como está inserida na rotina coletiva dos três amigos, visando atingir o mesmo objetivo: achar informações sobre Flamel, na biblioteca de Hogwarts. O local, por si só, já pede essa prática, como veremos no quadro posteriormente, tendo em vista que nem todos que, possivelmente, estiverem situados ali, possuem os mesmos objetivos em comum com os personagens em questão.

Já no que diz respeito ao trecho 22, notamos um caso em que a leitura silenciosa não se mostra suficiente, e, portanto, se faz necessária a verbalização dela. Hermione demonstra um tom de irritação, chegando a empurrar o livro na direção dos outros dois para lerem por conta própria. A personagem convida, de modo grosso, os amigos a lerem o que ela havia lido, indicando que, a depender da situação, é preciso que o leitor se posicione diante de algumas situações para não gerar conflitos entre ele e aqueles que não possuem práticas de leitura tão ativas quanto as suas.

Notamos, novamente, mais ocorrências de formas de ler coletiva e silenciosa, dessa vez, no trecho 23. Rony demonstra que não adiantou ter lido o livro *Estudos dos avanços recentes em magia*, revelando estar claro o fato do nome de Flamel não estar situado ali, como se fosse algo que os três deveriam ter percebido. Embora seja Rony que comente sobre a leitura, nos permite supor que essa prática da leitura silenciosa tenha sido feita por ele, Harry e Hermione, já que estavam juntos realizando tais pesquisas. Essa ação se mostra semelhante à que pudemos ver nos trechos 20 e 21.

Como mencionamos, para que os leitores consigam realizar suas leituras, além dos suportes, é necessário estarem situados em espaços que as favoreçam. Para ilustrá-los, retomamos alguns trechos que já apareceram em quadros anteriores, uma vez que eles também

apresentam essa categoria, com exceção do trecho 24, até então, inédito. Assim, temos o quadro abaixo:

Quadro 04: Locais de leitura

Mesa do café da manhã	Trecho 4	“Isto não era coisa que se aprendesse de cor em um livro - não que ela não tivesse tentado. No café da manhã de quinta-feira, deu um cansaço neles falando sobre macetes de voo que lera em um livro da biblioteca chamado <i>Quadribol através dos séculos</i> . Neville praticamente se pendurava em cada palavra que ela dizia, desesperado para aprender qualquer coisa que o ajudasse a se segurar na vassoura mais tarde, mas todos os outros ficaram muito felizes quando a conferência de Hermione foi interrompida pela chegada do correio” (Rowling, 2021, p. 116)
Sala comunal da Grifinória	Trecho 7	“Harry e Rony mal tiveram tempo de trocar um olhar intrigado e ela já estava correndo de volta, com um enorme livro velho nos braços. - Nunca pensei em olhar aqui - falou excitada. - Tirei-o da biblioteca há semanas para me distrair um pouco” (Rowling, 2021, p. 176)
	Trecho 18	“Nicolau Flamel [...] é, ao que se sabe, a única pessoa que produziu a <i>Pedra Filosofal</i> ” (Rowling, 2021, p. 176)
Biblioteca	Trecho 5	“Andavam realmente procurando o nome de Flamel nos livros [...] O problema é que era muito difícil saber por onde começar, sem saber o que Flamel poderia ter feito para aparecer em um livro. Não se encontrava em <i>Grandes sábios do século XX</i> , nem em <i>Nomes notáveis da magia do nosso tempo</i> , não era encontrável tampouco em <i>Importantes descobertas modernas da magia</i> nem em <i>Um estudo dos avanços recentes na magia</i> . E, é claro, havia também o tamanho da biblioteca em si, dezenas de milhares de livros; milhares de prateleiras; centenas de corredores estreitos” (Rowling, 2021, p. 159)
	Trecho 6	“Hermione puxou uma lista de assuntos e títulos que decidira pesquisar [...]” (Rowling, 2021, p. 159)
	Trecho 7	“Harry e Rony mal tiveram tempo de trocar um olhar intrigado e ela já estava correndo de volta, com um enorme livro velho nos braços. - Nunca pensei em olhar aqui - falou excitada. - Tirei-o da biblioteca há semanas para me distrair um pouco” (Rowling, 2021, p. 176).
	Trecho 11	“Aos gemidos e bocejos, Harry e Rony passaram a maior parte do tempo livre com ela, na biblioteca, tentando dar conta de todos os deveres extras” (Rowling, 2021, p. 185)
	Trecho 20	“Afinal estavam procurando havia quinze dias, mas como só tinham breves momentos entre as aulas, não era surpresa que não tivessem achado nada” (Rowling, 2021, p. 159)
	Trecho 21	“Quando o novo período letivo começou, eles voltaram a folhear os livros durante os dez minutos de intervalo entre as aulas” (Rowling, 2021, p. 173)
	Trecho 24 (fala proferida na cabana de Hagrid)	“Harry, Rony, falta meia hora para o almoço, devíamos estar na biblioteca” (Rowling, 2021, p. 158)

Fonte: autoria própria, a partir da obra de Rowling (2021)

Nesse quadro, é possível notarmos que Hermione possui práticas de leitura em lugares distintos, que variam desde lugares como a mesa de café da manhã até a biblioteca. Percebemos isso no trecho 4, no qual Hermione se encontra comentando acerca de suas leituras durante o horário do café da manhã, ou seja, um horário inoportuno para os outros, mas que, possivelmente, seja comum para ela.

Podemos constatar esse incômodo dos outros a partir do trecho da trama que revela que ela “deu um cansaço neles” e a felicidade dos meninos por ela ter sua discussão interrompida pelo correio. Esses termos acabam por revelar a repercussão negativa que a intelectualidade da personagem teve sobre os meninos, que, de certa forma, se sentiam ofuscados e desconfortáveis em sua presença, reforçando, novamente, estereótipos de gênero. O fato de falar de livros logo pela manhã, e não em outro momento do dia que todos estejam mais despertos, é o que acaba tornando seus comentários enfadonhos, pois o hábito de ler, seja em qualquer horário, não se mostra comum entre eles.

Outro local utilizado pela personagem para ler é a sala comunal. Nesse lugar há diversas poltronas descritas como “fofas”, ou seja, um local que seria facilmente utilizado por leitores que quisessem praticar sua leitura de modo mais confortável, pois bastaria somente se afundar nelas. Na verdade, o que ocorre nesse trecho é uma recordação de algo que Hermione havia lido, mas ela, prontamente, vai atrás do livro para ler a passagem sobre Nicolau Flamel, da qual ela tinha se lembrado.

Mas, de certa forma, na passagem, acaba acontecendo uma prática de leitura em grupo, evidenciado nos trechos 7 e 18 o que valida falarmos acerca da sala comunal da Grifinória como local de leitura, mostrando, até mesmo, a recitação de um trecho. Como não é mencionado onde Hermione realizou a leitura como distração (se foi no seu quarto ou nas próprias poltronas da sala comunal), não podemos constatar se, nesse caso, a distração foi eficaz graças ao conteúdo do livro ou devido ao lugar em que ele foi lido.

No entanto, é na biblioteca que Hermione encontra a maior fonte de informação, considerando o seu gigantesco acervo de livros. Boa parte do tempo dos personagens, ou seja, ela, Rony e Harry, é passado dentro da biblioteca onde eles realizam pesquisas, leem e estudam. Uma descrição interessante do ambiente é feita no trecho 5, quando se relata que “havia também o tamanho da biblioteca em si; dezenas de milhares de livros; milhares de prateleiras; centenas de corredores estreitos” (Rowling, 2021, p. 159). Tal descrição nos coloca a par da imensidão desse ambiente, onde, facilmente, os alunos poderiam se perder se não soubessem onde ir.

Para muitos leitores, a biblioteca fornece a paz e a tranquilidade para se ler um livro, pois é um ambiente em que o recomendado é não fazer barulho, ou seja, acaba fornecendo o

desejado silêncio almejado pelos leitores. Essa tranquilidade é buscada por Hermione e seus amigos, para muito além do fato de que, na trama, não há muitas ocorrências de outros alunos de Hogwarts, além deles, frequentarem o acervo, então, não há interferências consideráveis que podem atrapalhar sua leitura.

Existem algumas restrições acerca da biblioteca da escola que podem revelar um certo autoritarismo e indisponibilidade para os alunos com relação aos livros. A primeira delas se refere ao fato de uma regra dita por um professor a Harry Potter, qual seja: “os livros da biblioteca não podem ser levados para fora da escola” (Rowling, 2021, p. 146). Ou seja, a retirada dos exemplares do ambiente bibliotecário só poderia ser feita se o livro pudesse circular dentro das paredes da escola. Não é mencionado o porquê dessa regra, mas podemos considerar que se trata de um cuidado para o caso de perdas, ou, até mesmo, para que o livro não caia em mãos erradas.

A outra restrição se refere a um ambiente dentro da própria biblioteca denominado “Seção Reservada”. Ali, têm-se livros considerados proibidos para os estudantes e que só podiam ser consultados caso eles tivessem um bilhete de permissão de um professor, o que raramente era concedido. Para se ter uma ideia do teor de tais exemplares, é mencionado que “eram livros que continham poderosa magia negra jamais ensinada em Hogwarts e somente lida por alunos mais velhos que estudavam no curso avançado de Defesa Contra as Artes das Trevas” (Rowling, 2021, p. 159). Com isso, podemos relacionar essa restrição ao que Chartier (2011) propõe, ao mencionar que os leitores podem acabar realizando a leitura desse tipo de livro de forma clandestina, visto que o fato de estarem restritos significa que seu conteúdo é curioso.

Os locais de leitura revelam a forma como os leitores se sentem confortáveis em praticar suas leituras, e, como podemos ver no caso de Hermione, ela não faz distinções entre os lugares, pois, para um bom leitor, o lugar pouco importa quando se tem um livro de qualidade em mãos e se sabe apreciar o seu conteúdo.

Com todos os objetivos, obras, formas e locais que a personagem Hermione realiza suas leituras, ela nos apresenta que os leitores não se limitam à padrões já estabelecidos social e historicamente, mas perpetuam práticas que rompem as barreiras do tempo. A personagem retrata as práticas de leitura antes malvistas pelas sociedades, como uma forma positiva que impacta na elevação do nível de uma saga tão famosa quanto Harry Potter, o que acaba nos possibilitando a reflexão de como seria a trama se tal personagem e tais práticas de leitura (que ajudam na constituição de um protagonismo que não é inteiramente de Hermione) se ela não existisse.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo principal nesta pesquisa foi identificar a representação de leitura e leitores através das práticas de leitura de Hermione Granger na obra *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Além disso, procuramos descrever suas práticas de leitura por meio de trechos coletados na obra que indicam as cenas de leitura da personagem e, a partir deles, refletirmos sobre as relações que tais práticas têm com os discursos sobre a representação da leitura e dos leitores construídos histórica e socialmente.

No que corresponde aos objetivos, constatamos que as leituras realizadas pela personagem dizem respeito a três finalidades, a saber: cumprir tarefas e/ou atender a demandas escolares, utilizar a leitura como meio de distração e ajudar o protagonista na resolução de problemas. Ou seja, ela mesclava suas práticas de leitura entre escolares e pessoais e revela um perfil de leitora-traça: uma leitora voraz, que lê muito, com frequência e com diversas finalidades, indo além da aplicação prática, mas atribuindo um sentido de se deleitar com o que lê.

Os tipos de obras lidas indicam materiais para estudo, como os livros escolares e anotações, e livros históricos, lidos, em grande parte, como fruto de pesquisas próprias. Percebemos, então, que ela não se prende somente às demandas da escola, mas busca outros livros que tanto contribuem para a aquisição de conhecimento relacionado à vida escolar como para a utilidade na própria trama e na vida do protagonista. Percebemos, então, uma representação da leitura enquanto uma ação disciplinada, isto é, organizada, planejada e reflexiva a fim de gerar um maior rendimento e proveito dos textos lidos.

As formas de ler revelam práticas de leitura oral, silenciosa e em grupo, colocando em evidência que essas práticas, evoluindo de uma para outra, se perpetuam do passado para o presente e da “realidade” para a ficção, representando os leitores que, a depender do tipo de obra e do ambiente em que se situarem, devem adaptar suas práticas a esses aspectos.

Os locais de leitura variam entre a sala comunal da Grifinória, a mesa do café da manhã e a biblioteca. Este último, onde foram realizadas a maioria das leituras da personagem Hermione e dos seus amigos, consiste em um local onde eles encontram paz e privacidade para lerem e fazerem pesquisas nos livros, ao mesmo tempo que revela uma pesquisa proibida e atrelada à questão das proibições de leitura, comuns em tempos onde havia a representação da leitura como uma prática perigosa e censurada.

Com base nos dados obtidos na análise, refletimos acerca das representações de leitura encontradas na obra a partir das práticas da personagem Hermione. Tais representações,

construídas em meados do século XVIII na Europa, perpassam para o contexto da obra, escrita no fim do século XX. Ou seja, dois séculos mais tarde, ainda é possível percebermos essas representações em diferentes meios artísticos, nesse caso, a literatura, com uma personagem leitora inserida nesse espaço.

A leitura se manifesta na obra quando Hermione a utiliza como forma de poder e prestígio, associada à época em que ler era um ato realizado por quem tinha prestígio e poder. A personagem, ainda que tenha nascido em família *trouxa*, se insere em um ambiente onde, devido a esse aspecto, seria discriminada, e encontra na leitura a forma de garantir sua visibilidade em Hogwarts. Assim, percebemos uma representação da leitura como forma de empoderamento e simbolismo, permitindo à personagem agir no mundo, caracterizando a leitura como uma ferramenta e tecnologia social.

A disciplina e organização que Hermione invoca a partir de suas práticas de leitura, com anotações, resumos e cronogramas, nos permitem refletir sobre o modelo de leitura escolarizada que se desenvolveu entre os séculos XVIII e XIX, quando as escolas passaram a solicitar essas ações como forma de os alunos refletirem e aprenderem sobre o conteúdo dos textos. Essa representação, então, evoluiu histórica e socialmente com a leitura e ainda é observada tanto na própria trama da obra analisada como nos modelos escolares e alunos leitores atuais.

Além disso, temos a representação da leitura como forma de refúgio para os leitores. Essa ação, apresentada pela personagem, remete às práticas de leitura íntimas e subjetivas, ou seja, sem nenhuma finalidade externa ou institucional atribuída, mas sim, unicamente para a satisfação do leitor. Ao mesmo tempo, a voracidade da personagem em suas leituras transita entre uma prática que antes era temida pelo imaginário social por poder representar diversos males à saúde do leitor, e, hoje em dia, é valorizada, simbolizando um destaque de leitores que leem muito em relação àqueles que leem pouco. Hermione, portanto, nos possibilita a visão de como as representações de leitura se conectam do passado para o presente, mantendo ou mudando concepções sociais e transcorrendo a ficção literária e a história da leitura e da escrita no mundo.

No percurso da escrita, nos deparamos com a dificuldade de encontrar trabalhos que abordem as representações do leitor na literatura. Como não encontramos, esta pesquisa pode dar início a trabalhos voltados para essa temática. Além dessa contribuição, temos, ainda, a possível abordagem com as outras seis obras da saga *Harry Potter*, em pesquisas futuras, nas quais podem ser identificadas e trabalhadas outras representações e práticas de leitura atribuídas à personagem Hermione Granger, inclusive, a investigação se as representações permanecem as mesmas ao longo dessas outras obras. Portanto, essas ferramentas podem ampliar ainda mais

o reconhecimento e importância da saga e da personagem em si para o público leitor e para a representação de meninas leitoras em obras consagradas mundialmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Márcia. **Diferentes formas de ler.** Disponível em: <https://www2.iel.unicamp.br/webdocs/iel/memoria//Ensaios/Marcia/marcia.htm> Acesso em: 15 de ago. 2024.
- BARBOSA, Antônio Augusto Gomes. Práticas de leitura. *In:* FRADE, I. C. A. S.; VAL, M. G. C.; BREGUNCI, M. G. C. (org.) **Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores.** Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/praticas-de-leitura> . Acesso em: 30 jun. 2024.
- BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. *In:* CHARTIER, Roger (org.) **Práticas da leitura.** São Paulo: Estação liberdade, 2011.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador.** São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. *In:* CHARTIER, Roger. (org.) **Práticas da leitura.** São Paulo: Estação liberdade, 2011, p. 77-105.
- DARNTON, Robert. A leitura rousseauista e um leitor “comum” do século XVIII. *In:* CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da leitura.** São Paulo, Estação liberdade, 2011, p. 143-176.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2017.
- GOMES, Vasti Julieta Diniz. **Representações do livro na pintura: práticas de leitura evocadas.** 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.
- MANGUEL, Alberto. **O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça.** São Paulo: Edições Sesc, 2017.
- MOLINA, Daniela. O elogio da leitura. São Paulo: **Leitura: Teoria & Prática**, v. 37, n.76, p. 149-153, 2019.
- PLATZER, Maria Betanea; PASCOLATI, Sonia Aparecida Vino. Representações sobre leitura. Vitória da Conquista, **Práxis Educacional**, v. 6, n. 8, 2010.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal.** Rio de Janeiro: Rocco, 2021.
- SATURNINO, Edison Luiz. **Representações do corpo leitor na pintura artística brasileira do século XIX e início do século XX: contribuições para a história das práticas de leitura.** 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- TRAGINO, Arnon. O leitor, a leitura, o livro e a literatura na estética da recepção e história cultural. Universidade Federal do Espírito Santo, **Revista Mosaicum**, n. 18, 2013, p. 24-34. Disponível em: <https://literaturaeducacao.ufes.br/publicacoes> . Acesso em: 16 abr. 2024.

VELOSO, Geisa Magela; PAIVA, Aparecida. Representações sociais da leitura: práticas docentes e formação de crianças leitoras. Brasília, **Linhas críticas**, v. 26, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/31903> . Acesso em: 30 jun. 2024.